carioquice

publicação trimestral . ano vi . n:22 . jul/ago/set 2009
ISS 1981-6049

publicação trimestral . ano vi . n:22 . jul/ago/set 2009

"O sol nas bancas de revista me enche de alegria e preguiça"

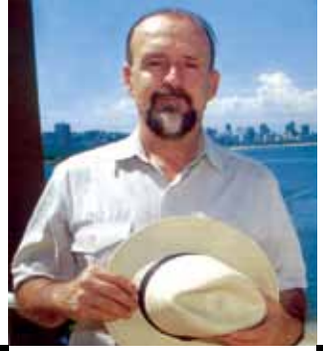
apud caetano veloso

Piauíííííí

João é a boa notícia

carioquice

HOJE
É O DIA
DE DAR
BOM DIA
W/Unimed-Rio
ANS - nº 39.332-1
0800 025 5522
vivahojeesempre.com.br
Unimed
Rio
O melhor plano de saúde é viver.
O segundo melhor é Unimed.
Viva Hoje.



O choro volta ao salão

Esquina do Ricardo

A velha tradição carioca de promover saraus familiares — "coisa da antiga", como diria o samba de Ney Lopes e Wilson Moreira — está voltando à cidade. Não mais com senhorinhas a arrastar, arfantes e pressurosas, compridas saias de tafetá pelos assoalhos do casario antigo, nem muito menos com pianistas envergando fraque e bebericando licores de tamarindo dos conventos. O Sarau da Pedra — o nome vem da magnífica rocha do Morro da Urca/Pão de Açúcar — é a versão século XXI da tradição do século IX. Os tímidos licores são substituídos por dardejantes caipirinhas. E os pianeiros de antanho são o melhor da MPB contemporânea, os chorões. E por quê?

Porque o Rio musical não deve perder suas tradições. Muito menos deixar que a cidade se entorpeça, até porque as fontes de sua música popular sedimentam a mais bela aventura da alma brasileira, a MPB, uma paixão nacional.

Poucos de vocês talvez saibam, mas nos sábados à tarde (isso há quarenta, cinquenta anos) era comum existirem saraus de choro pela cidade, especialmente nos subúrbios cariocas. Eu mesmo, nos anos 1960, ia com frequência às sessões de choro promovidas por Jacob do Bandolim em Jacarepaguá ou por Pixinguinha em Olaria. A tradição está de volta agora no recém-inaugurado Salão de Música do Instituto Cultural Cravo Albin na Urca. Sem qualquer patrocínio e exclusivamente por amor. Aos últimos sábados de cada mês, Joel Nascimento (o gênio do bandolim), recebe grandes instrumentistas convidados apenas para exercitar e fazer fruir o mais refinado gênero musical do país. Todos eles viram chorões e fazem delirar uma seleta plateia de quase cem pessoas, que, com vista panorâmica para a Baía de Guanabara, apenas ouvem as tramas sofisticadas do choro carioca.

Ao final da chamada "Sabatina da Pedra — Chorando com Joel", o mestre do bandolim concede a uma personalidade da música o Diploma Ernesto Nazareth.

Neste exato momento, todo um resgate de memória, de afetos, de carioquice e, sobretudo, de vida está sendo realizado. Até porque as lágrimas nos olhos da plateia testemunham a emoção que esse tipo de sarau pode provocar.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 22 JUL/AGO/SET 2009
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

6 Uma voz de cetim e organdi

16 Tico-tico no fubá

20 Guitarra ensolarada

26 Sanfona, sol e mar

Saga Carioca

32 Uma estrela solitária

40 Clones e clowns do cabaré Brasil

Magia do Olhar

48 Costa Azul do Rio

Do bem comer e melhor beber

56 Picanha até para vegetarianos

Cidade Maravilhosa

60 Abre as asas sobre nós

Causos e Letras

66 A beleza oculta de Zezé Macedo

Embaixador do Rio

74 Brasileiro, sinônimo carioca
Por Humberto Mota

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- André de Barros
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel Deplá
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Olivia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Graça e leveza fazem a diferença em qualquer circunstância.

Mas tudo melhora se você tem o par perfeito.

Insight 25 Anos

Rio de Janeiro • Rua Sete de Setembro, 71 - 14º andar • Centro • Rio de Janeiro, RJ • CEP 20050-005 • Tel: (21) 2509-5399
São Paulo • Rua Rocha, 167 - Conjunto 104 • Bela Vista • São Paulo, SP • CEP 01330-000 • (11) 3284-6147 e 3253-4916

www.insightnet.com.br

www.vale.com
1

A Vale está ajudando a mudar a vida de milhares de jovens através do esporte e da educação. Como Eduardo, de 7 anos, que é uma das 1.500 crianças que frequentam as aulas de natação, judô e atletismo do programa Brasil Vale Ouro, que funciona dentro da Estação Conhecimento de Tucumã, no Pará. Até 2015 serão 15 Estações Conhecimento e um centro de excelência, no Rio de Janeiro, que vão beneficiar cerca de 30 mil jovens com atividades de esporte, educação e cultura. Essa é uma iniciativa da Fundação Vale para transformar o futuro de milhares de jovens.

VALE

Cada vez mais verde. E amarela.

BRASIL VALE OURO. É A VALE TREINANDO MILHARES DE CRIANÇAS PARA VENCEREM NO QUE MAIS IMPORTA: NA VIDA.

"EU SOU UM CAMPEÃO DO BRASIL VALE OURO."
Eduardo Martins Oliveira já é um campeão, pois foi um dos selecionados para fazer parte do Brasil Vale Ouro, na Estação Conhecimento de Tucumã, no Pará.

Uma voz de cetim e organdi

por **Mônica Sinelli** *

Altino (gaita de boca), Regina (vocais), Alberto (violão), Vera (bateria) e Marisa (percussão). Esta era a formação da primeira banda que acompanhou a cantora nascida nos saraus da casa da família em Belém. Ao lado dos pais e dos irmãos, ela iniciaria uma viagem sem volta ao mundo profundo da música. Mas com uma base abençoada aos pés do Cristo Redentor. Com vocês, a bossa eterna do Rio, Leila Toscano Pinheiro. Ela já se apresentou para o mundo inteiro como solista do movimento "Choro" da Sinfonia do Rio de Janeiro de São Sebastião (de Francis Hime), incluída no livro do ICCA "Tones and Sounds of Rio", encomendado pelo Itamaraty e distribuído em todas as embaixadas brasileiras.

A segunda dos quatro filhos de Altino Tavares Pinheiro, dono de gráfica, e Maria Regina Toscano, até hoje a rainha do lar paraense, estreou na vida na primavera de 1960. Cedo, já era a responsável pelos teclados nas apresentações do conjunto na sala de jantar. Leila conta que, recentemente, mexendo nos guardados, encontrou um caderno com o *set list* dos shows domiciliares. Eclético repertório: de Maria Maria (Milton Nascimento e Fernando Brant) a Cálice, de Força estranha (Caetano Veloso) a Olha (Roberto e Erasmo Carlos), de Mania de você (Rita Lee e Roberto de Carvalho) a Nunca, passando por Ronda (Paulo Vanzolini) e Basta de clamares inocência (Cartola), tudo dava bom som nas mãos — e na voz — dos Pinheiro.

A tia Arlette, hoje com 80 anos, comandava o Instituto de Iniciação Musical, onde Leila começou a estudar piano aos 10. "Depois, passei a ter aulas em casa, com um pianista paraense, Guilherme Coutinho. Com ele aprendi a ler cifra e a tocar música popular. A primeira que me ensinou foi Preciso aprender a só ser, de Gilberto Gil, canção de melodia e harmonia difíceis. Ficávamos de costas, Guilherme ao piano e eu num órgão Yamaha. Ele tocava e eu procurava reproduzir os acordes apenas pelo que ouvia, sem olhar suas mãos. Isso aguçou demais a minha percepção musical e me distanciou do estudo da teoria, já que havia ficado relativamente fácil encontrar sozinha os acordes das músicas que eu queria cantar. No Rio, estudei piano ainda com Tomás Improta e Luizinho Eça. Mas minha grande escola foi mesmo o intenso convívio com os músicos e o exercício fundamental de ouvir muita música sempre". Quando o assunto é canto, surgem os nomes de Dalva de Oliveira,

Elizeth Cardoso, Nana Caymmi e Maria Bethânia como as primeiras a despertar-lhe a atenção. A inspiração maior, no entanto, veio através de Elis Regina e, com ela, o piano e os arranjos de Cesar Camargo Mariano, definitivos também como referência para o seu estilo de tocar.

Após fazer o primeiro show profissional em Belém — Sinal de partida — em outubro de 1980, Leila sentiu que só se tornaria a cantora que imaginava poder vir a ser caso migrasse para um grande centro. Foi assim que, em junho do ano seguinte, desembarcaria no Rio de Janeiro com o objetivo de estudar e se preparar para viver a sua escolha, em nome da qual deixaria pelo meio a faculdade de Medicina. A paixão por crianças

"Fui à casa do Tom e lá tive uma das mais fortes emoções de minha vida. Tocando para mim, como se fôssemos velhos amigos, ele me deu de presente o então inédito 'Espelho das Águas'"

teria formado uma pediatra e obstetra e tanto. Mas ela abdicou do diploma que se encaminhava e entregou seu futuro jaleco a quem o pudesse usar. Precisava de outra dimensão de formatura. E foi atrás de seu anel de bamba.

Ao verde-azul do Rio de Janeiro

Antes de se instalar no Rio, Leila esteve aqui de férias várias vezes. "Eu me divertia, comprava o que ainda não havia em Belém e ficava atualizada com o que existia de mais `moderno` no Brasil naquele tempo. Achava que tinha uma intimidade com a cidade, mas meus olhos eram os de um turista. Quando cheguei para morar, com 20 anos, e dei de cara com a verdadeira realidade, tive síndrome do pânico, morri de medo de tudo e pensei que não ia suportar. Mas depois que minha mãe foi embora — ela passou os primeiros 20 dias comigo — e me vi realmente sozinha, precisando enfrentar o que, afinal, eu mesma havia escolhido, não tive saída: caí de boca na vida e abri meu coração para a cidade. Lá se vão 29 anos".

Ela lembra que não conhecia ninguém do meio musical carioca. "Ingênua, vim de Belém com uma lista imensa de nomes, mas não obtive retorno algum. Só Jane Duboc, cantora paraense, que meus pais conheciam bem, me atendeu ao telefone e me recebeu em casa. Acompanhei-a a uma gravação na RCA Victor, hoje Cia. dos Técnicos, e já ali recebi o convite para gravar meu primeiro disco, em 1982". Indagada sobre quem seriam seus convidados, a estreante não fez por menos: Tom Jobim, Ivan Lins, Francis Hime, João Donato e Toninho Horta. E não é que todos aceitaram? "Fui à casa de Tom e lá senti uma das emoções mais fortes da minha vida. Sentado ao piano e tocando para mim como se fôssemos velhos amigos, me deu de presente a então inédita Espelho das águas. Logo ele, meu grande mestre! A partir dali, vivi um tempo muito especial, em que me beliscava sempre, como que para me certificar de que aquilo tudo era verdade. Tive muita sorte. Gravei esse primeiro LP na Som Livre, mas o lancei de forma independente, dois anos depois".

O primeiro apartamento carioca ficava na Rua Alberto de Campos, em Ipanema, de cara para o Morro do Cantagalo. A ex-moradora confessa: "Sofri muito nos primeiros anos. Vivi com minha família em casas amplas, arejadas, cercada de amigos. Largar esse conforto e acolhimento e vir morar sozinha no Rio foi uma prova de fogo. Vivenciei momentos bem difíceis, de muita solidão, que me ajudaram a crescer, a criar casca para me proteger da aspereza da cidade, ao mesmo tempo em que desfrutava com prazer a oportunidade de construir a minha vida como eu queria. Teria sido infinitamente mais difícil se não contasse com a ajuda financeira de meu pai que, mesmo sofrendo pela minha saída de Belém, me ajudou muito. Acredito que, apaixonado por música como sempre foi, tocando gaita de boca, fazendo parte de um grupo vocal, ele houvesse feito a mesma escolha que fiz, tendo a chance. Mas perdeu cedo o pai e precisou assumir a gráfica e a livraria de meu avô. Há muitos anos o Rio é minha casa, meu pequeno mundo. Vibro de alegria e emoção com suas

Alberto, Vera, Regina, Marisa, Leila e Altino

maravilhas e sofro, como se carioca fosse, com suas mazelas. Amo essa cidade, especialmente o bairro onde moro, o Jardim Botânico. Vivo rodeada de verde, flores, micos nas árvores do meu prédio, beija-flores a um palmo dos meus olhos e o Cristo Redentor sobre a minha cabeça. Aqui ou em qualquer lugar do planeta, sou e serei uma paraense típica, apaixonada por Belém, seus cheiros, gostos e colos. Mas me sinto muito bem acolhida no Rio, sou uma cidadã carioca, pago aqui os meus impostos, voto e me reconheço. Já vivo aqui há mais tempo do que morei em minha cidade".

quem pergunta por mim

Projetada nacionalmente com Verde (Eduardo Gudin e Costa Netto), Leila recorda como chegou ao Festival da TV Globo, em 1985. Ela se inscrevera como intérprete e compositora de Beco, em parceria com a conterrânea Liana Soares, que não se classificou. Mas foi convidada por Cesar Camargo Mariano – que havia se emocionado com seu canto em Ribeirinho (Guinga e Paulo Cesar Pinheiro), registrada em uma fita k7 pouco antes – para ser uma das intérpretes do evento. "Só recebi a gravação com Verde longuíssimos dias depois do convite do Cesar. Achei até que tinham desistido de mim. Gostei de cara da canção, senti que podia ser, como foi, a primeira grande oportunidade de mostrar minha voz e logo para grande parte do Brasil, que, certamente, assistiria ao Festival pela TV Globo. Deu tudo certo. Nem eu sabia que estava tão preparada para encarar aquele momento: 20 mil pessoas num Maracanãzinho lotado, barulhento. Felizmente, o público foi receptivo às minhas apresentações. Até hoje vivo a sensação de ter ganho o festival, pelo tanto que colhi daquele instante. Verde é e sempre será o meu abre alas. Acho curioso o fato de meu primeiro show profissional em Belém ter se intitulado Sinal de Partida e a música que abriu as portas para minha carreira se chamar Verde", observa.

Quatro anos mais tarde, viria a consolidação de uma carreira marcada pela excelência musical e rara independência no posicionamento com o mercado. A Nippon Phonogram (PolyGram

Leila com Eduardo Gudin

"Acho curioso o fato de meu primeiro show profissional em Belém ter se intitulado Sinal de Partida e a música que abriu as portas para minha carreira se chamar Verde"

japonesa) queria homenagear os 30 anos da bossa nova com um disco produzido por Roberto Menescal, então diretor artístico da PolyGram (hoje Universal Music), que indicou Leila para ser a intérprete. "Foi um acerto total esse nosso encontro e até hoje desfruto a alegria de ter mergulhado de cabeça no que Menescal me ofereceu naquele momento. Ganhei um grande amigo, parceiro total e absoluto e minha carreira recebeu ali seu primeiro grande impulso. Ele diz sempre, orgulhoso, que a bossa nova atingiu com este disco patamares de venda nunca alcançados. Conquistamos o Disco de Ouro pelas vendas acima de 100 mil cópias de Bênção Bossa Nova. Meu segundo trabalho sobre esse universo aconteceu quando fui para a EMI-Music, em 1994. Gravei Isso é Bossa Nova, produzido por João Augusto, que era o diretor artístico da companhia". Mais um Disco de Ouro na parede.

Antes, porém, que se visse aprisionada pelo compromisso de repetir indefinidamente o filão, Leila mais que depressa tratou de partir para novas direções. "Como nunca permiti que se dispusesse sobre o rumo da minha carreira, abri logo espaço para mostrar, literalmente, Outras Caras, título do CD que gravei em seguida. Por ter atingido uma vendagem excepcional e feito uma megaturnê, percorrendo o Brasil todo em quase dois anos de shows do Bênção Bossa Nova, adquiri a liberdade de optar pelo caminho que achasse melhor no momento de gravar um novo disco. Os tempos eram outros. Mas é claro que havia, como ainda há, uma certa expectativa de que eu cante a bossa nova e grave mais discos sobre ela. Acho natural. Canto a bossa com muito prazer e a cantarei sempre, porque minha voz e a bossa têm mesmo uma profunda sintonia. Afinal, nasci em 1960 e a ouvi muitíssimo em casa. É a base da minha formação musical. Mas não tenho obrigações e fujo sempre dos rótulos. Sou uma intérprete e quero sempre poder cantar tudo o que me emocione, me instigue e desafie. Este é o meu horizonte há quase 30 anos". Em tempo, Outras Caras já sinalizava a apurada exigência de Leila na seleção de repertório. Lá estão, por exemplo, as belas Serra do Luar (Walter Franco), Noturna (Guinga e Paulo César Pinheiro) e Paulista (dos mesmos autores de Verde).

tacacá music

A grande ousadia veio com o projeto de produção de um CD apenas com canções da parceria Guinga e Aldir Blanc — Catavento e Girassol. Leila diz que tentou gravar músicas do mago do violão desde que assinou o primeiro contrato com gravadora, em 1986. "Só consegui isso dez anos depois, já em outra companhia, porque tinha João Augusto como diretor musical — um cara que conhece música e era meu amigo — e um belga como presidente, louco pela música brasileira. Eles correram os riscos e a gravadora acertou, quando viu as vendas atingirem quase 70 mil cópias. Mas se já era difícil bancar um projeto como este no começo da década de 80, hoje, acredito, isso somente seria possível se eu o fizesse pelo meu próprio selo, Tacacá Music. Tenho pensado muito em gravar a obra do Guinga, 13 anos depois de Catavento e Girassol. Quem sabe?", deixa no ar.

Num mercado em que mais e mais as cantoras vêm incorporando a composição própria ao ato de interpretar, Leila garante não sentir falta de recorrer a esse recurso para se expressar em plenitude. "Mergulho tão intensamente nas músicas que escolho para cantar, que vivo a sensação de também criá-las de alguma forma. E isso me completa. Não sinto necessidade de me inventar compositora para que minha música tenha um sentido maior. Nem com dez reencarnações eu daria conta de cantar o que

Os irmãos Alberto, Vera e Leila

o mundo oferece. Me sinto meio parceira dos compositores, pelo tanto que me entrego e me dedico às canções deles, que nada em mim reclama pela ausência de autoria própria. Todas as vezes em que escrevi uma canção o fiz com a ideia predeterminada de criar. Nada aconteceu sem essa decisão anterior, cerebral mesmo. Não sinto que tenha o dom dos compositores, essa centelha criativa nata. Gosto de músicas muito bem construídas, sou bastante rígida comigo e quase sempre não acho nada demais naquelas que faço. Sei que com esse mar de música que existe dentro de mim, cantando e tocando sem parar ao longo de todo esse tempo, não teria forçado o fato de ser também compositora. Mas não quero esse compromisso. Meus amigos e os músicos me perguntam muito sobre um disco só com as minhas músicas. Não vejo nenhuma chance de isso acontecer tão cedo". Pois, pela Ilha de Mosqueiro, por todos os jambus, amigos e músicos, sigam insistindo: quem escreveu a sublime "Ventos de paz" (com Jorge Vercillo) tece com maestria a mais essa fruição dos sentidos.

Vós sós o lírio mimoso

E, por falar em paz e produção, Leila Pinheiro reflete sobre os mistérios insondáveis da criação. "Grandes artistas em todos os tempos produziram obras-primas sob grandes sofrimentos, até porque, na dor, o que brota à flor da pele é matéria pura e rara para se fazer arte. As angústias, os grandes tormentos são parte da alma dos artistas, mais sensíveis e receptivos, porque também mais expostos a tudo. Ter crescido numa família feliz é o que me dá suporte e bagagem para eu ser o que sou. Me senti sempre muito amada e isso faz uma grande diferença. O que vivo no momento da gestação de um novo trabalho é fruto de um salto cego, apaixonado e sem rede de proteção, que é a comunhão absoluta com a música e tudo o que ela significa. Não tenho uma história de vida trágica, de grandiosos tormentos, felizmente. Se isso faz minha música melhor ou pior, não sei. O que quero é que ela se eternize. Se isso acontecer, para mim já valeu ter nascido".

A estrada musical de quase três décadas é iluminada por muitas passagens tocantes, como na apresentação em Israel com a Orquestra Sinfônica de Jerusalém. "Este show foi inesquecível. Jamais imaginei estar ali, na Terra Santa, cantando em português e emocionando aquele povo. Cantar no Carnegie Hall, em Nova Iorque, acompanhada ao piano por Cesar Camargo Mariano em noite dedicada a Tom Jobim foi um momento único. Cantar diante do andor de Nossa Senhora de Nazaré durante a procissão do Círio, em Belém, é como conversar com Nossa Senhora, de quem sou devotíssima. Vivi inúmeros momentos de extrema emoção no palco, pelos quais agradeço sempre e muito". A religiosidade é presente no cotidiano. Batizada na Igreja católica, Leila prossegue: "Me reencontrei com o Kardecismo há dois anos e tenho conseguido muita paz lendo e tentando por em prática os ensinamentos do Evangelho espírita. É um exercício diário que tem me feito muito bem".

Outro motivo de encantamento para ela vem da Terra do Sol Nascente, onde se apresenta com regularidade. "Já fui diversas vezes a Tóquio e sempre me comovem a reverência, o respeito, o silêncio do povo japonês. As pessoas falam baixo, têm um ritmo mais lento, são mais calmas, mesmo quando agitadas. É intrigante o grau extremo de responsabilidade e profissionalismo. Uma pequena mudança de horário num roteiro preestabelecido adquire poder de morte. São excessivamente disciplinados e por vezes parecem ingênuos, puros demais, sem malícia alguma. Me emociono com o imenso e dedicado amor que eles têm pelos artistas e pela música brasileira. Durante seis noites consecutivas, em abril passado, cantei no Blue Note de Tóquio, ao lado de Oscar Castro Neves e Airto Moreira. Vi pessoas chorando, trêmulas, extasiadas diante de nós, da música que trazíamos. Tudo aconteceu conforme o combinado. Parece sonho, se comparado com a nossa realidade, mas é possível e real. É o jeito japonês de ser", analisa.

Viver é afinar o instrumento

Hoje titular de alentado verbete do Dicionário Cravo Albin da MPB, e ao contemplar em perspectiva a própria trajetória, a cantora que até hoje não pode deixar de fora Besame (Flávio Venturini e Murilo Antunes) e Coisas do Brasil (Guilherme Arantes) nos shows pelo Brasil afora, comenta: "Tenho um profundo e emocionado respeito pelo ser humano, pela natureza, pelos animais. Vivo plantando boas sementes por onde passo, desejando que os frutos sejam a beleza, a harmonia, o amor, a amizade, a generosidade. Tenho tanto por fazer que gostaria de reencarnar. Ser a mãe que não quis ser agora. Acho que soube aproveitar as oportunidades que tive de crescer e de me sentir um ser humano melhor,

"Amo o Rio, especialmente o bairro onde moro, o Jardim Botânico. Vivo rodeada de verde, de micos, beija-flores a um palmo dos meus olhos e o Cristo Redentor sobre minha cabeça"

mais apaziguado. O que vem para mim? Só Deus sabe". De certo mesmo, após os elogiados Nos horizontes do mundo — para o qual ela provocou a primeira parceria entre Chico Buarque e Ivan Lins, Renata Maria — e Pra iluminar, gravado ao vivo com Eduardo Gudin — o que devemos aguardar são arquiteturas personalíssimas das obras de Renato Russo/Legião Urbana, Milton Nascimento e Guinga, possivelmente nesta ordem. Irão perfilar-se junto a Olho nu, Alma, Na ponta da língua, Reencontro (só com músicas de Ivan Lins e Gonzaguinha) e Agarradinhos (com Menescal), entre outros, na linha de montagem construída sob o rigoroso e sofisticado padrão de qualidade LP (Leila Pinheiro).

Enquanto desenha minuciosamente mais uma joia para o valioso acervo da música brasileira, Leila Pinheiro mantém a agenda cultural e de lazer na cidade que adotou. "Gosto de assistir a filmes no Artplex da Praia de Botafogo, muitas vezes em sessões duplas — vejo um, tomo um café, mudo de sala e vou para outro. De caminhar no Jardim Botânico, no meio daquela imensidão de verdes, ir à Praia no Arpoador, cedinho, no verão. Gosto muitíssimo de ficar em casa, lendo as pilhas de jornais e revistas que vou acumulando, de sair para comer fora e, se menos perigoso estivesse o Rio, manteria minhas idas às Paineiras, as caminhadas na Lagoa e pelas ruas da cidade. Tenho uma vida bem quieta aqui, porque, como viajo muito para cantar, quando posso parar, gosto de curtir minha casa em paz, com minha poodle Maricotinha. É uma bênção que eu desfruto feliz". Mas quem é LP por LP? "Como escreveu Rita Lee, sou "uma pessoa comum, um filho de Deus", autorretrata-se com olímpica simplicidade em tempos de ilusórios conceitos de celebridades. E arremata: "Não sei o que eu sou sem a música. Ela me salva, me acolhe, consola, encoraja, desafia e estimula. Vem de Deus e me comunica com Ele". E a toda hora, a todo momento, de dentro pra fora, de fora pra dentro.

* http://monicasinelli.blogspot.com/

Tico-tico no fubá do ICCA

por Kelly Nascimento

O Instituto Cultural Cravo Albin brinda a cidade com mais uma iniciativa borbulhosamente musical. Dedicado a um dos ritmos genuinamente brasileiros, como o choro, os Saraus do ICCA vêm agitando os sábados da Cidade Maravilhosa. A primeira edição do sarau em 2009 começou juntamente com o inverno, em pleno sábado. Ao promover o evento neste dia da semana, Ricardo Cravo Albin resgata uma tradição carioca perdida no tempo.

Ricardo Cravo Albin abrindo a Sabatina da Pedra

Joel Nascimento acompanhado da nova geração de chorões. Julião, de camisa azul, é filho de Paulo César Pinheiro e Luciana Rabello

Há cinco décadas, eram comuns saraus de choro Rio afora, principalmente nos subúrbios. "Recordo que, nos anos 60, ia com frequência às sessões de choro promovidas por Jacob do Bandolim, em Jacarepaguá, ou por Pixinguinha, em Olaria", conta Cravo Albin. E a memória se fez presente. Todo último sábado de cada mês a Urca vira palco para os chorões de plantão.

O resgate da tradição coincidiu com outra boa notícia: a inauguração do salão de música do ICCA, na panorâmica varanda do Instituto, com capacidade para quase 100 pessoas. Quem

"A essência do encontro são grandes instrumentistas que se reúnem apenas para fruição de boa música. E eles fazem delirar uma seleta plateia, de menos de cem pessoas, que, com vista panorâmica para a Baía de Guanabara, apenas ouvem as tramas sofisticadas do choro carioca",

relata Ricardo Cravo Albin

O casal Marlos e Maria Luiza Nobre

O casal Maria e Saturnino Braga

inaugurou o espaço foi ninguém menos que o gênio do bandolim, Joel Nascimento.

No sarau inaugural, o titular da série, Joel Nascimento, foi agraciado com o primeiro "Diploma Ernesto Nazareth", conferido em conjunto pelo Instituto Cultural Cravo Albin e FUNJOR — Fundação José Ricardo. O músico recebeu a homenagem das mãos da reitora da Uni-Rio, Malvina Tuttman, e pelo imortal da Academia Brasileira de Letras, Domício Proença Filho, ao final do evento na sala de concertos do Instituto.

Na segunda edição do sarau, Henrique Cazes, considerado o melhor cavaquinista e um dos mais ativos músicos de choro da atualidade, foi o convidado. Após o concerto, Cazes foi homenageado com o Diploma Ernesto Nazareth, uma condecoração dada pelo Instituto, que lhe foi entregue por duas outras vertentes qualificadas da Música Brasileira: o maestro Marlos Nobre e a cantora Ithamara Koorax. Outros músicos distinguidos com a honraria foram Josimar Carneiro e Jayme Vignoli. Josimar recebeu o diploma das mãos de Luiz Alfredo Salomão e do Embaixador Jerônimo Moscardo. Já o violonista Jaime Vignoli recebeu o seu (Ernesto Nazaré) do ex-prefeito Saturnino Braga e do cônsul geral do México, Andrés Ordoñes, enquanto o venerável José Menezes será homenageado com o diploma das mãos de Paulinho da Viola.

O evento vem sendo o *must* carioca desse inverno. "A essência do encontro são grandes instrumentistas que se reúnem apenas para fruição de boa música. E eles fazem delirar uma seleta plateia, de menos de cem pessoas, que, com vista panorâmica para a Baía de Guanabara, apenas ouvem as tramas sofisticadas do choro carioca. A união da bagagem de Joel e da contagiante juventude dos músicos que o acompanham, gera um equilíbrio saudável entre a experiência de quatro décadas de carreira e a efervescência dos jovens que estão se aperfeiçoando na arte secular de produzir bons choros", exalta Ricardo Cravo Albin. Ele registra, emocionado, que o evento forma jovens instrumentistas para o choro, especialmente os da Escola Portátil de Violões, atésta dos quais está Julião, filho de Paulinho pinheiro e Luciana Rabello, que nunca faltou a nenhuma Sabatina. Segundo o cronista Joaquim Ferreira dos Santos, habitué dos saraus, o evento vem sendo o melhor programa dos sábados no Rio.

Tamanho o sucesso que o mentor do projeto já vislumbra ampliar o formato. "O ICCA tem o compromisso de abordar todas as vertentes da música popular brasileira. Já penso numa série ocupando sábados

Joel Nascimento, Ithamara Koorax e Henrique Cazes

e domingos no Instituto. As séries seriam ampliadas, com um fim de semana dedicado ao piano ao cair da tarde, com João Carlos de Assis Brasil; outro com o tema "Clube de Jazz e Bossa", fundado por mim e Jorginho Guinle, em 1965, e o quarto e último fim de semana será dedicado à poesia da MPB, abrigando poetas da música popular, de onde se extrai canções especialmente do centenário de Noel Rosa", adianta. E ainda estamos experimentando outro sarau temático, o (Sodade do Trem nos Trilhos da MPB), dedicado ao resgate das ferrovias do Rio e as músicas para os trens, na esteira do Trem das 11 de Adoniram Barbosa. Este evento está sendo coordenado pelo ex-reitor do Instituto Bennet Victor Ferreira.

Cada nova série terá uma homenagem relacionada. Se o choro tem o Diploma "Ernesto Nazareth", o piano terá o "Ary Barroso", Jazz e Bossa terão o "Tenório Junior" e a poesia, o Diploma "Noel Rosa".

histórico

Não é a primeira vez que o Instituto Cultural Cravo Albin brinda a cidade com esses encontros musicais. Em 2007/ 2008, por dez meses, o Instituto sediou noites inesquecíveis, regadas a boa música, leitura de contos e poesias e discussões literárias. Os encontros aconteciam na última quarta-feira do mês, sempre homenageando brasileiros para lá de notáveis. Os encontros aconteciam no famoso Largo da Mãe do Bispo.

O primeiro homenageado foi o compositor mineiro João Bosco, cujas canções foram tocadas por Zé Carlos Bigorna, entre outras estrelas.

Outros homenageados desta série foram Guinga, Francis Hime, Ivan Lins, Paulinho Tapajós, Sueli Costa, Marcos Valle, Roberto Menescal e Carlos Lyra, além de Edu Lobo e João Donato. Um time de peso.

Guitarra ensolarada

por Monica Ramalho

Victor Biglione nunca foi argentino. É mentira. Para nós, o guitarrista nascido no charmoso bairro de San Telmo, na Buenos Aires dos anos 1950, é carioca da gema, independentemente do acidente geográfico. Um dos maiores solistas da MPB, sua viola não é enluarada, que nada. A guitarra da fera toca com a velocidade da luz que invade as areias de Copacabana nas primeiras horas do dia. Seus acordes solares transbordam Rio de Janeiro em cada nota. Ele é o cara! Nuestro Vitinho querido!

Corria o ano de 1964 quando os pais de Victor foram convidados a se retirar da Argentina por questões políticas. Engatinhando no português, morou dois anos com o pai em Duque de Caxias. Depois, foram para São Paulo. "Separada do meu pai, minha mãe me convidou para conhecer o Rio de Janeiro. Cheguei na Sá Ferreira e senti um negócio que sinto até hoje. As esquinas, todo mundo falando com todo mundo, a informalidade. Tudo bateu comigo. Preciso olhar todos os dias para essa combinação de praia e montanha".

Num dia de semana qualquer, você poderá cruzar com o guitarrista no Posto 9 ou ali na altura da Rua Constante Ramos. "Vou semanalmente. Posso não cair na água, mas eu vou". Diz que adora a sensação de chegar nos lugares sozinho e encontrar um punhado de amigos ou sair com um novo flerte. Leitor de Ruy Castro ("Ruy preserva o Rio como poucos") e viciado em biografias (Sabia que a Leila Diniz pegava os recados de trabalho no caixa do restaurante? Descobri num livro sobre ela), é fascinado pelas histórias e imagens da cidade entre o início dos anos 40 e a década de 70, quando conheceu o violão.

Era um menino de 12 anos e sua mãe, uma daquelas mulheres engajadas, que seguiam os noticiários com real interesse e sabiam se posicionar. As lembranças de Victor evocam um sentimento de coletividade há muito perdido. Certo dia, dona Judith hospedou um rapaz, ele tocou umas canções no violão e, diante da curiosidade do menino, ensinou alguns acordes para ele. Victor foi fisgado naquele instante. Não demorou muito para contratar um professor particular e beber música em doses industriais.

"Cresci ouvindo bossa nova, samba e música clássica. Meu primo, Carlos Sion, era baterista

do Tom Jobim". Nesse período de aproximação com a música, Victor, a irmã Vera e a mãe se acomodavam num apartamento de dois quartos em Ipanema. "A minha mãe gastava mais de duas horas diárias só conversando com a gente. E na adolescência, a gente é um gravador ambulante. Ela não pagava nada pela nossa escola, pública, mas situava a gente sobre tudo. É diferente dos pais de hoje, que pagam caro pela escola e acham que a educação vem dali. Quando comecei a tocar, os estudos regulares ficaram para trás".

Aos 17 anos, Victor abandonou de vez as salas de aula. Em 1977, embarcou para Nova York com o objetivo de fazer "um summer" (um verão, como eles chamam os cursos de rápida duração, aplicados nessa estação do ano) na conceituada Berklee College of Music. Na volta, a mãe o expulsou de casa educadamente. Victor ficou ressabiado, mas, sem argumentos, descolou um amigo para dividir um apê na Urca, o trombonista Irapuan Índio do Brasil. Trocar de ares fez bem ao garotão de cabelos dourados e olhos azuis. No ano seguinte, caía na estrada com a "cantriz" Zezé Motta, na ocasião super-requisitada porque estrelava a novela Xica da Silva, um dos marcos da teledramaturgia brasileira.

Mesmo instalado na Urca, a casa da mãe continuou funcionando como base para Victor. E o mais engraçado é que quando dona Judith percebeu que ele ganhava bem a vida como músico, prontamente o convidou a voltar para casa. Queria ver o filho independente, batalhando seu sustento. Aos 22 anos, o guitarrista entrou nas bandas da cantora Gal Costa e do trompetista Marcio Montarroyos. "Isso evitou que eu virasse um músico de apartamento, aquele cara que vive de pijama e recebe as pessoas para mostrar o quão fora de série é (risos). Aprendi muito e enfrentei de tudo com esses artistas maravilhosos".

A estes, muitos outros se seguiram: Maria Bethânia, Chico Buarque, Ivan Lins, Simone, Jards Macalé, Raimundo Fagner, Belchior, Luiz Melodia e tantos que é quase impossível catalogar. Victor conheceu o mundo levado pelas mais variadas melodias e harmonias. "Fiz tudo certinho: para começo de conversa, acompanhei bastante. Em seguida, atuei em conjunto e só depois foi que virei solista". Em 1982, substituiu Armandinho na A Cor do Som, originalmente um quarteto que tocava com Moraes Moreira. Os outros integrantes eram o baixista Dadi e o irmão, o pianista Mu Carvalho, mais Gustavo na bateria. A Cor do Som foi a coqueluche do momento. Em 1986, iniciou uma trilogia autoral e solo, com o disco 'Victor

"Separada do meu pai, minha mãe me convidou para conhecer o Rio de Janeiro. Cheguei na Sá Ferreira e senti um negócio que sinto até hoje. As esquinas, todo mundo falando com todo mundo, a informalidade"

Victor com Andy Summers...

com A Cor do Som...

com Yamandu Costa

Biglione'. O clássico 'Baleia azul' foi lançado no ano seguinte e 'Quebra pedra', em 1989.

No mesmo ano, Victor escreveu a primeira — e já premiada — trilha para cinema: do longa-metragem 'Faca de dois gumes', dirigido por Murilo Salles. "Acompanhei a feitura do filme de perto, desde o roteiro. Colei no diretor e esqueci de mim. A música tem que funcionar para o longa e gosto de apresentar um cardápio de sonoridades para o diretor dar a palavra final: se tem ou não a ver com o que ele imagina. Se ele aprovar, facilita. É só trabalhar em cima". Com estas composições, o músico abocanhou o prêmio do antigo Rio Cine Festival (hoje, Festival do Rio) em 1990.

Uma parceria iniciada em 1991 com a Cássia Eller fez história: rendeu um discaço que, quase oito anos após a morte da cantora, permanece inédito. "Fazia tempo que eu queria dar uma visão brasileira para o blues rock e foi ótimo fazer isso com a Cássia. Tudo caminhou muito bem até entrar a engrenagem da indústria. Disseram que ela ficaria estigmatizada se cantasse em inglês. Imagina! Era um trabalho extra. A gravadora dela não deixou a gente lançar, ela assinou embaixo e o disco ainda está guardado. Mas existem três músicas, que não são do álbum, disponíveis na internet. Não sei o que seria mais interessante hoje: o disco ou estar na web?".

O que Victor chama de 'blues rock da contracultura' foi devidamente homenageado em 2000, com o álbum 'Tributo a Hendrix', no qual ele canta em quase todas as faixas. Seis anos antes, lançou os importantes 'Ponto de encontro', com Zé Renato e Litto Nebbia, uma das poucas colaborações musicais Brasil-Argentina; e 'Victor Biglione & Marcos Ariel', que reunia

Uma parceria iniciada em 1991 com Cássia Eller fez história: rendeu um discaço que, quase oito anos após a morte da cantora, permanece inédito

autorais da dupla e temas de Joaquín Rodrigo (famoso compositor e pianista espanhol), Tom Jobim, Hermeto Pascoal, Aldir Blanc e João Bosco, entre outros. Este disco com Ariel atraiu o inglês Andy Summers, guitarrista do The Police, para a virtuosidade de Biglione.

"Um produtor amicíssimo meu, Luiz Paulo Assumpção, cismou que o meu som tinha a ver com o dele e me deu o endereço do Andy Summers. Sem levar muita fé, enviei esse disco que fiz com Marcos Ariel. Um dia cheguei em casa e encontrei um recado do Andy na secretária eletrônica. Retornei a ligação. Ele veio para o Brasil e fizemos uma excursão sul-americana juntos". Em 1997, gravaram o disco 'Strings of desire'. A parceria se consolidou em 2002 com outro álbum, 'Splendid Brazil'. Ambos ganharam recentemente edições de luxo no exterior.

Dois Kikitos repousam na estante do músico: um pela trilha do filme 'Como nascem os anjos' (1995), também de Murilo Salles; e outro por 'Condor' (2007), do cineasta e jornalista Roberto Mader. O primeiro ampliou o campo de atuação do guitarrista. "A trilha do 'Faca de dois gumes' foi intimista e em 'Como nascem os anjos' trabalhei com DJ Marlboro e Gabriel O Pensador. No meio do processo, notei que poderia ser mais do que um autor de trilhas sonoras. Poderia acionar os meus contatos e cuidar de toda a produção fonográfica. É isso que estou fazendo agora no 'Elvis e Madonna' (de Marcelo Lafitte, previsto para chegar aos cinemas em 2010), todo rodado em Copacabana".

Você acabou de ler um pouco do currículo de Victor Biglione, um sujeito simples, de bem com a vida, à moda antiga no melhor entendimento da palavra, que bebe gim e acredita que os nossos maiores prazeres não vêm do dinheiro nem dos bens adquiridos, mas daquilo que encontramos nos cinemas, nos livros, nos discos e nos amigos.

No ano passado, Victor comemorou meio século de vida, 40 anos de Rio de Janeiro e três décadas de música interpretando a ópera-rock 'Tommy', da banda inglesa The Who, e um apanhado das obras-primas do guitarrista americano Jimi Hendrix

"Tem gente que se leva a sério e, em troca disso, encara um cotidiano ruim para caramba. Já tive namoradas que ficaram assustadas: 'Você não tem que contar detalhes da tua vida num boteco. Você é Victor Biglione'. E daí? Eu sou um cara normal e sou feliz assim".

Victor está um pouco cansado de viver nas nuvens. Reclama que as viagens de avião estão cada vez mais desconfortáveis, com assentos apertados e uma irritante quantidade de escalas. É o que ele chama de "a gana pela grana", um dos sintomas da era do marketing que mais o incomodam. A perda dos pais (Abelardo em 1999 e Judith em 2002) foram suas maiores dores. "Eles não se adaptaram a essa virada que o mundo deu: o neoliberalismo, o consumismo, o individualismo. E deprimiram". O músico quer ficar mais tempo no Rio, mas ainda precisa abrir exceções e viajar a trabalho às vezes. "Minhas ambições são viver confortavelmente, pagar em dia as minhas contas e voltar a morar em Copacabana".

No ano passado, Victor comemorou meio século de vida, 40 anos de Rio de Janeiro e três

décadas de música interpretando a ópera-rock 'Tommy', da banda inglesa The Who, e um apanhado das obras-primas do guitarrista americano Jimi Hendrix. O show, denominado Rock´n´Cello, do qual participou o violoncelista David Chew, preencheu de acordes radicais a Sala Cecilia Meireles, na Lapa. Ainda em 2008, foi eleito o músico estrangeiro que mais contribuiu para a música brasileira. Ao todo, foram mais de 300 gravações e shows nacionais, segundo levantamento de Euclides Amaral, pesquisador vinculado ao Dicionário Cravo Albin da MPB (www.dicionariompb.com.br) e autor do perfil 'O guitarrista Victor Biglione & a MPB'.

Neste 2009, ganhou o merecido título de Cidadão Carioca e lançou mais dois discos: 'Uma guitarra no Tom', com Sergio Barrozo no baixo e André Tandeta na bateria; e 'Tributo a Ella Fitzgerald', com a cantora Jane Duboc. No disco em trio, Victor imprimiu suas digitais inconfundíveis tanto no repertório jobiniano famoso — entre outras, "Chovendo na roseira", "Vivo sonhando" e "Ligia" — quanto no pouco regravado, "Mojave", que envolve o público num clima afro-californiano, além de "Tema de amor de Gabriela", sucesso na voz de Gal Costa, e "Look to the sky", instrumental que Tom compôs nos anos 60 e letrou cerca de 30 anos depois. Sobre a homenagem a Ella, Victor Biglione não economiza elogios, com seu jeito divertido de sempre: "Não existe a 'Jeannie é um Gênio'? Pois eu digo: Jane(Duboc) é um gênio".

Sanfona, sol e mar

por Flavia Oliveira Barreto

Um importante passo na preservação da memória da cultura brasileira foi dado com a efetivação da parceria do ArteSivuca com o Instituto Cultural Cravo Albin, com sede no Rio de Janeiro. A partir de agora, os brasileiros poderão ter acesso à imensa produção musical de Sivuca, um dos mais importantes músicos do século XX, no Brasil e no mundo. Seu acervo discográfico se encontra disponibilizado para consulta no Instituto Cravo Albin. A cidade agradece.

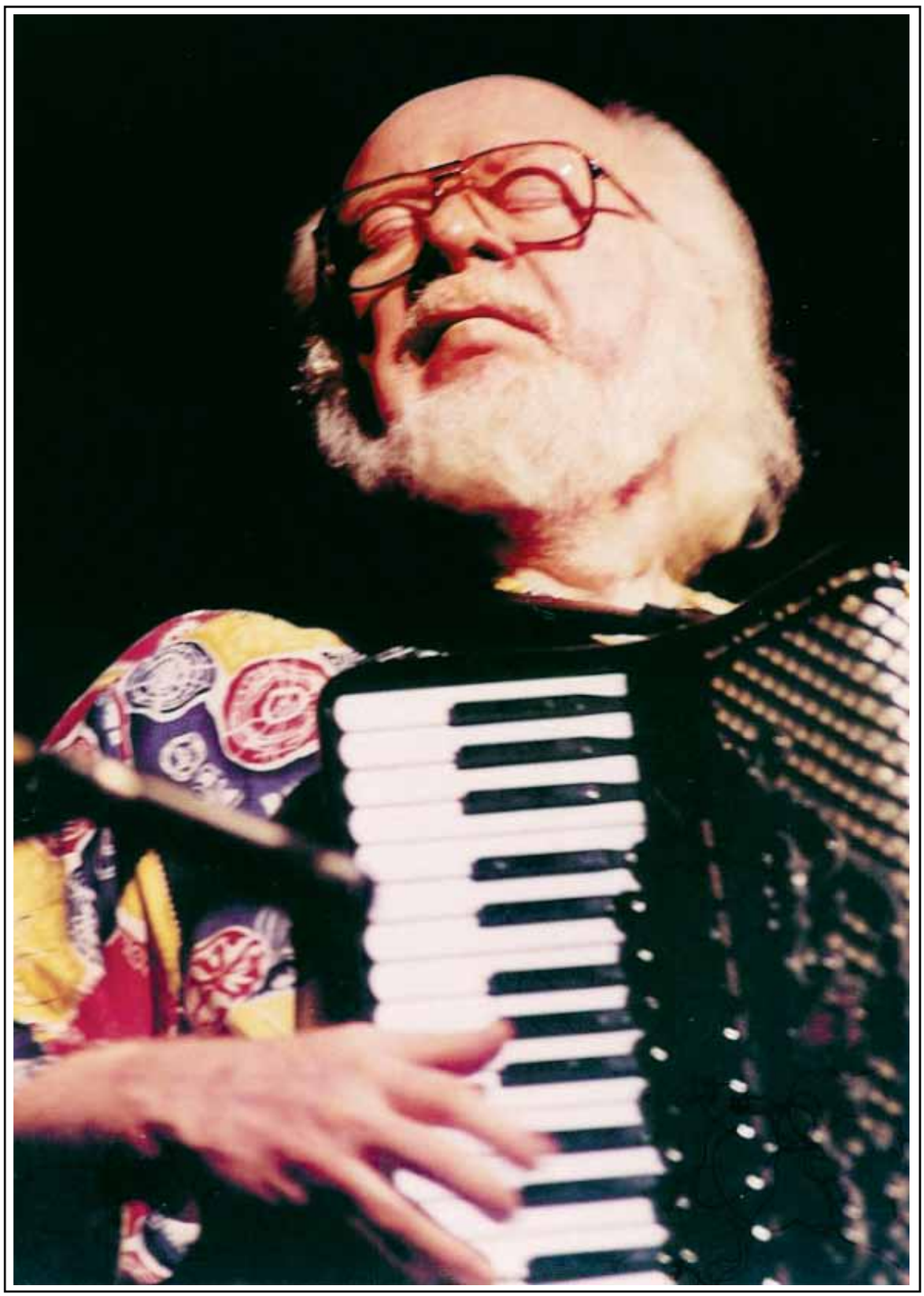
A instituição ArteSivuca, responsável pela doação do trabalho de catalogação do acervo do músico, foi fundada pela filha do artista, a socióloga Flavia Oliveira Barreto, que atua com o compromisso de democratizar o acesso à cultura no Brasil, e, por isso, vem promovendo ações de preservação da memória do pai e de valorização da sanfona, instrumento preferido do músico. Flavia de Oliveira Barreto é pernambucana e moradora do Rio de Janeiro. Eis o texto exclusivo para a Carioquice da filha Flavia:

"Sivuca passou a vida inteira contando a própria vida em inúmeras entrevistas na imprensa, desde a década de 1940 até o início do século XXI. Em quase todas elas, declarou que havia nascido em Itabaiana, no interior da Paraíba: era uma forma de valorizar a origem.

Lá deixou família, amigos e a infância aos quinze anos de idade. Depois, durante os 76 anos de vida, só retornou para encontrar a família e os amigos e visitar o lugar onde nasceu e que lhe deixou belas imagens na memória afetiva e artística. Uma comprovação disso está nos nomes das primas Maria do Juá e Zefa de Purcina, aquela que fazia renda, personagens que habitam a letra de "Feira de Mangaio" (de Glorinha Gadelha), conhecida como um hino nacional do forró.

O fato é que, desde jovem, Sivuca viajou muito. Foi para a cidade do Recife, onde se formou como músico e orquestrador, sob a tutela do maestro Guerra-Peixe e, aos 25 anos, veio para o Rio de Janeiro, convidado pelas Emissoras Associadas de Assis Chateaubriand, atendendo a um convite irrecusável, pelas imensas vantagens que oferecia ao já célebre instrumentista.

Quando chegou ao Rio de Janeiro, em 1º de abril



de 1955, Sivuca trouxe a mim, com apenas dois meses, e minha mãe, a cantora lírica Terezinha Mendes. Nesta cidade, estrelou seu próprio programa de televisão na TV Tupi, foi agraciado com o prêmio de melhor instrumentista de 1955 e 1957. Esteve ao lado de Altamiro Carrilho e Baden Powell em inúmeras apresentações e na gravação do marcante "Turma da Gafieira", em 1957. Na opinião de Sivuca, o primeiro disco de "jazz tupiniquim" (expressão cunhada por ele) gravado no Brasil.

Em 1956, compôs o choro "Homenagem à Velha Guarda" e foi abençoado por Pixinguinha, que ficou tocado ao ouvir o jovem sanfoneiro e chegou a afirmar que já estava velho para tanta emoção.

Sivuca frequentava o ponto dos músicos na Avenida Rio Branco, onde se encontrava com os amigos, para saber das últimas novidades. Comparecia enlevado, como se estivesse indo à missa, quando a Orquestra Sinfônica se apresentava no Theatro Municipal, na Cinelândia.

Apesar de ser albino, se arriscou inúmeras vezes na Praia de Copacabana, só depois das quatro horas, e mesmo assim, debaixo do guarda-sol. Mas, não podia perder a delícia de se banhar nas águas do mar e depois chupar o fabuloso picolé Já - já de coco.

Não perdia a Missa do Galo da Igreja de Santa Terezinha, em Botafogo, na Noite de Natal e, feliz, atravessava a pé o Túnel Novo levando a esposa pela mão e a filha encarapitada no ombro. Só depois a família se entregava às delícias da ceia.

Morador da Rua Belford Roxo, esquina da Rua Barata Ribeiro, em Copacabana, Sivuca andava de bonde quando ia ao Centro da cidade. Comprava balas e doces no armazém da Dona Ester. Passava na padaria da Rua Ministro Viveiros de Castro para comprar pão à tarde, quando tinha tempo. Adorava a feira livre que acontecia embaixo da janela de casa às quintas-feiras, pois isso indicava peixe no almoço.

Quando a bossa nova e todas as mudanças no cenário musical colocaram os sanfoneiros de lado, Sivuca passou a tocar em boates, pela noite da Zona Sul do Rio de Janeiro. Gravou discos para dançar, gravou jazz, formou seu próprio conjunto e continuou tentando sobreviver, dentro de tanta transformação. Só não largava a sanfona.

Viajou para a Europa, morando dois anos em Portugal, quatro em Paris e, de volta ao Brasil, em 1964, veio direto para o Rio de Janeiro. A cidade se tornou um ponto de refúgio. Mas o momento não foi propício. O governo militar se estabeleceu e na cena musical a sanfona não era mais aceita. Foi embora novamente, dessa vez, tentar a vida nos Estados Unidos, onde permaneceu por doze anos, que lhe valeram o reconhecimento internacional e o título de gênio da música, dado pelo New York Times.

Aos 46 anos, cansado de ser estrangeiro, resolveu voltar para o Brasil em julho de 1976. A cidade escolhida foi o Rio de Janeiro. O primeiro apartamento, novamente, na Rua Belford Roxo, em Copacabana. Depois se mudou para a Rua Siqueira Campos, depois para o Jardim Botânico e assim se passaram mais 30 anos.

Completamente entrosado com o meio musical carioca, gravou com Tom Jobim e fez parceria com Chico Buarque em "João e Maria". Foi parceiro dos cariocas Paulo César Pinheiro e Paulinho Tapajós em inúmeros sucessos. Tantos deles gravados por Clara Nunes, Elba Ramalho, Elizeth Cardoso. Neste envolvimento carioca, desfilou na Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, a convite de Martinho da Vila, quando a escola se apresentou em Homenagem ao Estado da Paraíba. Se não fosse esse o motivo quem se lembraria de convidá-lo? Afinal, o que é dito na imprensa através dos tempos é o que costuma ficar na memória coletiva.

Quando a bossa nova e todas as mudanças no cenário musical colocaram os sanfoneiros de lado, Sivuca passou a tocar em boates, pela noite da Zona Sul do Rio de Janeiro

Mas, o fato é que esse paraibano declarado viveu 35 anos da sua existência no Rio de Janeiro, por opção própria. Poderia ter ido para São Paulo, para Recife, retornado à Paraíba, ou a qualquer outra cidade do Nordeste. Ele gostava de todas. Obviamente, sem tecer comentários a respeito, escolheu ficar no Rio de Janeiro, de onde só saiu em 2003, já sabedor da doença que o abateu, finalmente, em dezembro de 2006.

O que torna alguém carioca? Ter nascido por aqui? Penso que não, defendo e afirmo que não. A carioquice é algo muito mais profundo e complexo. É algo que vai se estabelecendo, impregnando o ser, uma espécie de encantamento, fascínio, prazer. Um sentimento de estar em casa, urbanamente falando, sem perder o aconchego, mesmo ao saber que falamos de uma megalópole. Um jeito descontraído de não perguntar o sobrenome de ninguém, adotar os amigos dos amigos, dar uma chegadinha aí, marcar sem marcar, manter o bom humor e não perder a piada... Esse tipo coisa que pode começar de repente quando estamos com os pés na areia quente da praia e vem aquela vontade doida de tomar um mate com limão. Meio a meio, por favor!

Estou certa de que foi isso o que aconteceu com Sivuca e pouca gente reparou: foi impregnado de carioquice, caiu no samba, no choro, tocou ponto de umbanda com sanfona e carregou a bandeira da bossa nova em Paris, em Estocolmo, em Nova Iorque e até no Japão. A carioquice é assim, chega e se instala, nem precisa ser verbalizada. Simplesmente é. Salve Sivuca, nosso paraibano carioca!"

ANNO 1366
Belgium's Brand
PREMIUM LAGER
STELLA ARTOIS
LEUVEN
BELGIUM'S ORIGINAL BEER
STELLA ARTOIS

BORGHIERH/LOWE

Se você pudesse viver 600 anos aprimorando o seu ofício, certamente também chegaria numa obra-prima.

A história de Stella Artois teve início há mais de 600 anos numa pequena cervejaria na cidade de Leuven, no interior da Bélgica. Hoje, é uma cerveja apreciada em mais de 80 países como um verdadeiro símbolo de tradição e perfeição.

STELLA ARTOIS. VALOR INESTIMÁVEL.

ESTE PRODUTO É DESTINADO A ADULTOS

Uma estrela solitária

por **Vera de Souza**

"Como se sabe, no início era o verbo. No caso, o verbo era a fala paterna que ensinava, a mim e a meus irmãos, a sermos corretos, curiosos, brasileiros e botafoguenses". A afirmação de João Moreira Salles quase o definiria, não fosse ele muito mais. João chuta com os dois pés, dá bicicleta e cabeceia quando o assunto é cultura. Ele é a grande manchete do jornalismo brasileiro de bom gosto. A torcida organizada de todos os clubes do país comemora em uníssono: enfim, o editor da Piauí é o máximo!

João Moreira Salles nasceu em Washington, em 1962, quando seu pai, o banqueiro Walter Moreira Salles, ocupava o cargo de embaixador naquele país, mas viveu quase toda sua vida no Rio de Janeiro, ao lado dos irmãos no bairro da Gávea. A paixão pelo time alvinegro surgiu meio tímida ainda na infância. "Cresci numa casa botafoguense, sim, mas de um botafoguismo secular. Vivi anos acompanhando o time de longe. No início da década de 1980 passei a frequentar o Maracanã e nunca mais parei. De relapso, virei devoto".

Discreto, sem frequentar as colunas sociais ou as festas mais disputadas da cidade, João diz que só se transforma quando vai ao Maracanã. Lá fica irreconhecível. Diz que o Botafogo é um time muito peculiar. "Torcer para o Flamengo, é fácil. Aquela coisa exuberante, unânime. Pelo Botafogo, não. Na escola, no trabalho, na praia, no Maracanã, somos sempre minoria. A paixão difícil pelo Botafogo envolve fibra, coragem e uma disciplina moral que não estão ao alcance de quem não é botafoguense", conclui.

Mais novo de quatro irmãos — Fernando Roberto, Pedro e Walter Salles Jr —, João, depois de cursar Economia na PUC do Rio de Janeiro, por absoluta falta de opção, como diz, acabou entrando no cinema por acaso. Ele conta que seu irmão, Waltinho, acabara de voltar do Japão com mais de cem horas de material filmado e não sabia bem o que fazer com aquilo. Pediu-lhe ajuda para encontrar uma espinha dorsal para o material e escrever um texto. O resultado foi a série "Japão, uma viagem no tempo", que foi

ao ar pela extinta Manchete, em 1987.

Depois disso, o leitor voraz que já declarou que dos 18 aos 24 anos "não era uma pessoa que vivia, mas que lia", fez mais três séries, "China", "América" e "Blues", e resolveu sair do Brasil e foi morar na África ensinando crianças a trabalhar com vídeo. "Eu tinha um interesse muito grande pela África e, através de ONGs do Rio de Janeiro, consegui trabalhar no Quênia por um ano, numa organização administrada pelo Bispo Desmond Tutu. Ainda era a época do *apartheid* e ele tinha essa organização fora da África do Sul. Foi um período maravilhoso, quando pude ensinar as pessoas a trabalharem com vídeo e edição".

A volta ao país coincidiu com documentários com temática brasileira: "Jorge Amado", "Futebol" e, em 1999, co-dirigiu com Kátia Lund aquele que é considerado seu trabalho mais impactante, "Notícias de uma guerra particular". Que acabou de ser revisto na sede do ICCA, seguido de debate com o próprio João, que inaugurou o cine-debate do Instituto, coordenado pelo empresário Daniel Deplá. Depois vieram o belíssimo "Nélson Freire", "Entreatos" e por fim, em 2007, "Santiago".

Migração profissional

Há três anos, quando resolveu dar uma guinada profissional e criar uma revista cujo enfoque seria contar boas histórias, batizou a editora de Alvinegra, com direito ao logo da estrela solitária. Se o time não vem dando as alegrias esperadas, a Piauí, vai de vento em popa. João conta que a mudança, não definitiva, de documentarista para área jornalística tem muito a ver com a sua vida. "Sempre tive uma afinidade maior com as coisas que li do que com às que assisti. Não sou cinéfilo e, creio, que aprendi a fazer documentários, muito mais a partir do que li. Sempre me senti meio deslocado no mundo do cinema, não tenho o mesmo entusiasmo que as outras pessoas que fazem cinema têm. Questão puramente pessoal. Claro que gosto de cinema, mas não é essencial para mim. Minha visão de mundo não é determinada pelo cinema. Nunca foi. Então, em algum momento seria natural essa migração do cinema para a narrativa não-ficcional escrita. Mas não é uma mudança tão grande como as pessoas supõem. Quando fazia cinema, não era um diretor de ficção. E faço a mesma coisa, hoje, escrevendo".

Para exemplificar, diz que muitas das coisas que tem escrito na Piauí poderiam muito bem ser filmadas. Mas admite que escrever é muito mais fácil no sentido logístico. "Para falar da crise mundial, o país ideal era a Islândia, por ser muito pequeno e ter quebrado de maneira súbita, pouco depois que a Lehman Brothers quebrou. Se eu tivesse que fazer um documentário sobre isto, até reunir equipe, conseguir dinheiro, chegaria à Islândia dois anos depois. Escrevendo, pego um avião e estou lá no dia seguinte. É muito mais ágil, mais urgente. Mas os meus procedimentos ao escrever sobre a Islândia ou fazer um perfil do Fernando Henrique Cardoso, são os mesmos que eu faria se estivesse com uma câmera de cinema. Não é diferente, só muda o instrumento".

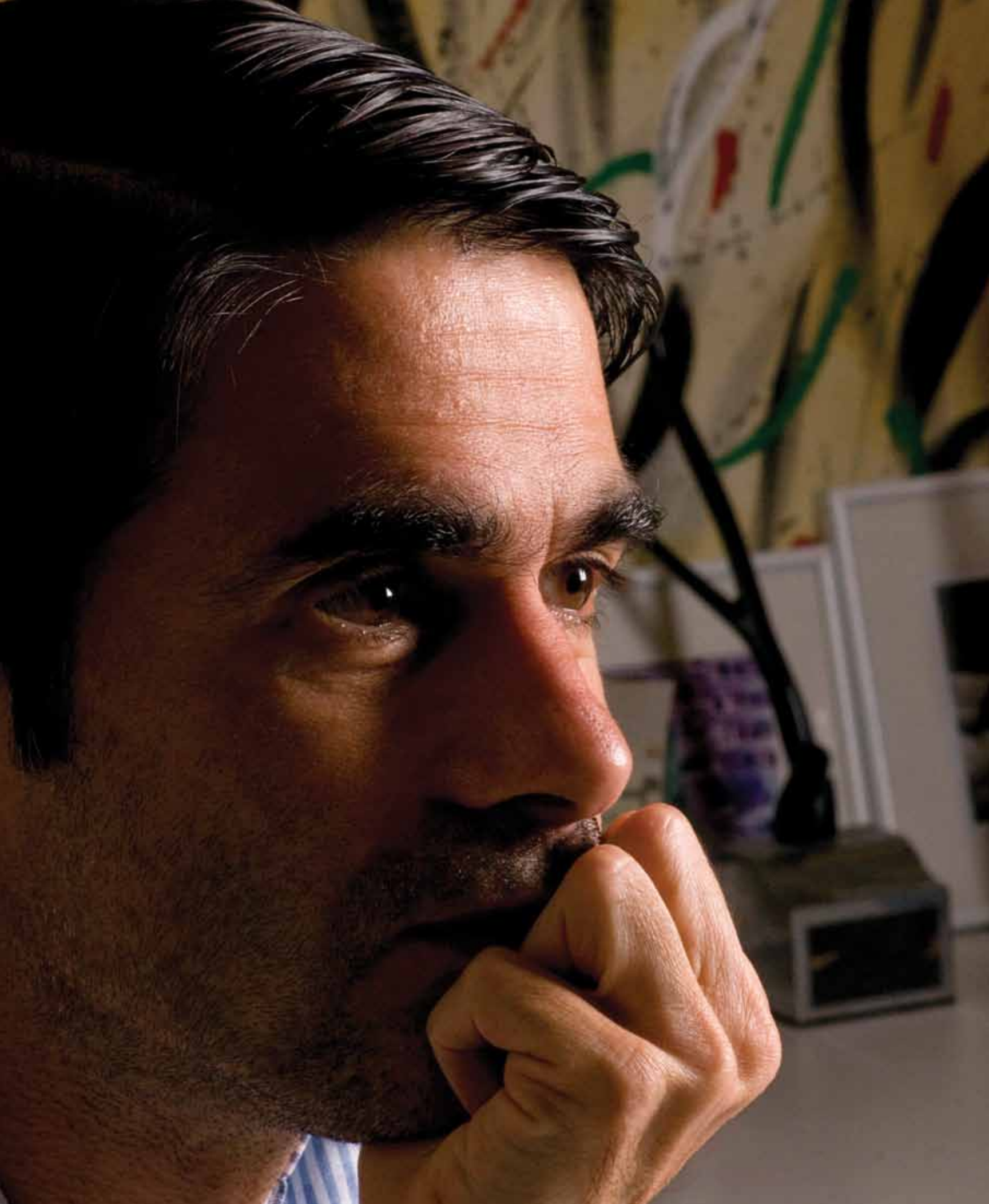
No entanto, os cinéfilos que sentem a falta de suas produções vão ter que esperar mais um pouco. Ele não nega que voltará a filmar, mas seu tempo, hoje, é exclusivamente para a revista. "É muito trabalhoso fazer uma revista mensal e, principalmente, fazê-la dar certo. E não é só isso, há todo um lado que eu não me envolvia quando fazia cinema, que é a parte do negócio. Dá muito trabalho porque escrevo, edito e me ocupo de aspectos ligados ao conteúdo, seria impossível fazer outra coisa agora".

"Acho que não existe nada parecido com a Piauí nem no Brasil nem fora. E isso não é uma virtude, é um fato"

Com uma tiragem de mais de 50 mil exemplares e distribuição em território nacional, o sucesso da Piauí é inegável e chegou a ser comparada à New Yorker. A fórmula? João diz que a publicação ocupou esse espaço por ter uma identidade e por ser diferente das outras revistas. "Não tinha muito onde emular, tivemos que inventá-la. Mas não diria que não absorvemos nada de outras revistas, porque tudo tem um pouco de tudo. Afinal, somos o resultado de tudo que lemos, que vimos. Mas seria muito errado dizer que a Piauí é a nossa New Yorker. Primeiro porque é uma revista feita por brasileiros no Brasil. Segundo, a New Yorker nasceu há 80 anos. São 80 anos de cultura interna e você não reproduz isso em outro lugar, tanto que ela é única no mundo. Em terceiro , os recursos lá são ilimitados. Aqui são finitos. Isso determina que tipo de revista você quer fazer. E, principalmente, a publicação tem que refletir o Brasil e não pode querer ser uma cópia do que existe lá fora. Acho que não existe nada parecido com a Piauí nem no Brasil nem fora. E isso não é uma virtude, é um fato".

A valorização do texto é o forte da revista e João admite que isso também é o reflexo do que o interessa no documentário. Não é o que é contado, mas como é contado. "Para mim a reportagem que dá certo é aquela que o leitor lê do início ao fim, mesmo que não seja um assunto do seu interesse. A maneira de contar tem que trazer o leitor para dentro. Imagine um artigo de dez a doze páginas sobre ketchup e que quando se chega ao fim se acha fascinante. É isso, tentar transformar um tema, a princípio, absolutamente trivial em algo interessante".

João ainda define como uma das fórmulas da Piauí, o fator surpresa, onde o leitor nunca sabe o que vai encontrar, e isso é consequência da maneira como se organizaram. "Não temos



"O Rio é uma cidade na qual se pode fazer muita coisa do lado de fora e eu aproveito muito. Não me vejo morando em nenhuma outra cidade do Brasil"

editorias. Não tem ninguém responsável por economia, política, cultura. Todo mundo faz tudo. Isso dá à revista uma grande liberdade, porque não temos a obrigação de publicar todos os meses matérias de economia. Na verdade, a revista tem poucas seções e se temos um perfil que vai ocupar sete páginas, não precisamos reduzi-lo porque vai entrar na seara da cultura. Ou seja, é uma revista invertebrada".

Outra tônica é a leveza, Piauí sempre carrega um pouco de bom humor. "Ela não é sisuda, tem um ceticismo bem-humorado. Além do que não temos grandes bandeiras, não saímos em defesa de causas, não somo indignados e também não apinhamos a revista de opiniões. Quando publicamos os dois perfis da Dilma (Rousseff) não foram opiniões sobre a candidata ou se ela disse ou não o que disse para a Lina Vieira. O Maklouf fez noventa e tantas entrevistas, inclusive com ela, viajou pelo Brasil para apurar num período de quatro meses. Ele foi à Unicamp para ler a tese, descobriu que não conseguiu encontrá-la. Mas é importante dizer que a matéria não foi escrita para isso. Quando fazemos perfis como o da Dilma ou do Sérgio Rosa não é para tentar descobrir coisas que estão escondidas dentro do armário. A ideia é escrever um perfil o mais completo possível. Não temos a vocação de ir atrás do escândalo. Não somos uma revista de denúncia".

João ressalta que a publicação também tem a característica de chegar antes ou depois, nunca junto, porque esse nicho os veículos diários ou semanais já cumprem muito bem. "Quando publiquei o perfil do Francenildo, o caseiro do Palocci, o caso já tinha saído da agenda, mas isso para nós não é problema, porque tem sempre alguma coisa que não foi contada. Também já chegamos na frente várias vezes. O primeiro perfil do César Cielo foi feito por nós, três meses antes de ganhar a medalha de ouro em Pequim. Isso foi num momento em que toda a imprensa esportiva brasileira apostava no Thiago Pereira. De fato, ele é um grande nadador, mas a Dorrit (Harazim) achou que quem ia espantar era o Cielo e foi lá. Também demos em primeira mão o pré-sal, o grande perfil do Daniel Dantas".

A revista não é feita só por jornalistas. Há cientistas, matemáticos, poetas, ficcionistas, artistas gráficos e é uma das poucas que abrem possibilidades para quem está começando. A seção Esquina, que é composta de sete ou oito textos curtos é destinada a abrigar pessoas que nunca publicaram e, como explica João, se o jovem escritor/jornalista/poeta/artista gráfico tem alguma coisa a dizer com graça e talento, venha ser piauiense.

Militância pelo Rio

Embora não tenha nascido no Rio, João viveu a maior parte de sua vida aqui e como ele mesmo diz, tudo o que gosta está na cidade. "A começar

pelo meu time de futebol, além disso, uso muito a cidade, no sentido de que corro na praia, ando de bicicleta, nado no mar todos os fins de semana. O Rio é uma cidade em que se pode fazer muita coisa do lado de fora e eu aproveito muito. Não me vejo morando em nenhuma outra cidade do Brasil. Quando pensamos em fazer a Piauí havia uma sugestão, apoiada em fatos, de que a revista deveria ser em São Paulo. Por questões razoá-

"A gente não se esquece do país onde mora, vivendo no Rio. Em algumas cidades, como São Paulo, pode-se ficar à margem dos problemas mais agudos do Brasil. No Rio é muito difícil isso"

veis, o mercado publicitário, o parque industrial gráfico, os veículos impressos mais importantes estão lá, e, consequentemente os jornalistas vão para a capital paulista. Foi pela bola sete que eu não fui para lá. Já tinha tomado a decisão de mudar de profissão, que eu sempre achei muito legal, mas não à custa de deixar minha cidade. Acho São Paulo fascinante, mas não me sinto muito à vontade por lá. Afinal sou carioca".

"Decidi fazer a revista Piauí aqui porque gosto da minha cidade e tive o desejo de provar: por que uma revista não pode ser feita no Rio de Janeiro?"

O resultado é que uma boa parte da redação migrou de São Paulo para cá, e segundo João, estão muito bem adaptados. "Não é uma questão de Fla x Flu, vou a São Paulo com muita frequência, mas não poderia viver longe do Botafogo, da praia, da Floresta da Tijuca e dos problemas da cidade, que também me interessam. Pode parecer lugar comum, mas a gente não se esquece do país onde mora, vivendo no Rio. Em algumas cidades, como São Paulo, pode-se ficar à margem dos problemas mais agudos do Brasil. No Rio é muito difícil isso, e acho que tem suas vantagens e seu peso. Em razão do que eu faço, documentário e jornalismo, é bom não se isolar".

O amor declarado pela cidade não o faz esquecer seus graves problemas. "Hoje como presidente do Instituto Moreira Salles vejo bem isso. Tudo que se faz em São Paulo tem mais acolhida do que no Rio. A efervescência cultural lá é muito maior. Isso é consequência de se ter perdido tanta gente. É o ônus do esvaziamento econômico. Um exemplo, em São Paulo, é o que acontece com a Pinacoteca. Se não montarem boas exposições, o Masp ou o MAM, farão. É preciso a competição. Eu desejo que o Museu da Imagem e do Som seja construído, que aquele equipamento extraordinário que é a Cidade da Música, algum dia, comece a funcionar e que a revitalização do Porto aconteça, porque isso será muito importante para o Rio de Janeiro. O Walter Mattos quando criou o Lance! Também ouviu que para ser o melhor jornal esportivo do país, teria que ir para São Paulo. Ele apostou e não arredou o pé daqui. Eu, por uma questão de militância, decidi fazer a revista aqui porque gosto da minha cidade e tive o desejo de responder afirmativamente uma pergunta: por que uma revista não pode ser feita no Rio de Janeiro?

Clones e clowns do cabaré brasil

por **Mônica Sinelli** *

Tudo começou quando o velho Francisco Hespanha lançou pincel e tinta nas mãos dos netos gêmeos de 6 anos. As primeiras caricaturas tiveram como modelos os amigos do avô materno, um próspero empresário do ramo de calçados que, além da própria indústria, inauguraria, com aquele gesto, uma outra, de joias preciosas: a fantástica fábrica de desenhos dos irmãos Caruso.

"Foi o cara que ensinou a gente a desenhar – diz Paulo na mesa do café da manhã de um sábado de muito sol no apartamento do irmão, no Rio. E, também, os primeiros acordes de violão, que tocava por diletantismo. Vieram os Beatles e comecei a tirar as canções, fazendo as transposições para o piano. E a Bossa Nova, quando passei a ouvir jazz e me encantar com os pianistas, o canadense Oscar Peterson, um perdulário que tocava todas as notas, e o americano Dave Brubeck, que elaborava a fusão dos ritmos. A primeira música que compus era sobre o fato de sermos gêmeos". Ato contínuo, levanta-se e encaminha-se ao piano para entoar a metacanção, timbrando o vozeirão com o de Chico.

Paulistas da capital, os dois desenvolveram suas carreiras em bases geográficas distintas. Chico começou a publicar seus desenhos aos 16 anos, na Folha da Tarde. Migrou para veículos como Opinião, Movimento, Gazeta Mercantil, IstoÉ, Veja e Jornal do Brasil. Em 1984, entrou

ARLOCARUSO.

Chico, Eliana, Fernando e Paulo

para O Globo, onde permanece até hoje, para se tornar uma figura querida do Rio e completamente identificada com o espírito carioca. Tanto que foi uma das testemunhas oculares (2001) em cartório público, da Fundação do Instituto Cravo Albin. Paulo, que quando Chico tinha provas ia trabalhar no lugar do irmão, também estreou profissionalmente na mesma Folha da Tarde. Passou pelas revistas Careta e Senhor, Estadão, Folha de São Paulo, entre outros. Mas foi na IstoÉ, onde por mais de 25 anos manteve na última página a Avenida Brasil, trazendo um retrato bem-humorado da nossa política, que seu trabalho se tornou mais conhecido. Atualmente, assina essa coluna na revista Domingo do Jornal do Brasil, além de fazer, no programa Roda Viva, da TV Cultura de SP, caricaturas ao vivo em cima das personalidades e assuntos debatidos.

Enquanto um permanece fiel até hoje à Vila Madalena, reduto boêmio de São Paulo, o outro demarcou seu território no Leblon, bairro pelo qual se apaixonou ao começar a frequentar o lendário Baixo no final da década de 70. Nessa época, Chico, que, a exemplo do irmão, já ensaiara os dotes musicais em um conjunto de rock apadrinhado pela banda Renato e seus Blue Caps, havia sido convidado pelo cartunista Lan para substituí-lo no Jornal do Brasil. Acostumado a vir para cá toda a semana por conta do trabalho no jornal Movimento, mas ainda estudando Arquitetura na terra da garoa, acabou fixando residência na cidade que havia sido musa inspiradora de sua excêntrica tese na faculdade: "Porque São Paulo é um lugar ruim de se viver e o Rio de Janeiro, por exemplo, não".

Procura e encontro

Mas a mudança radical seria um golpe duro no coração do criador do Capitão Bandeira. Confessa Paulo: "Fiquei completamente passado, me senti abandonado, porque era muito ligado ao meu irmão, muito dependente dele, inclusive. Cheguei a falar `olha, você para mim morreu`. E ele disse `que

Cromossomos

Cromossomos

Chame meu nome
Pelo sobrenome
Aí você pode acertar

Somos filhos únicos
Estrelas sem par
Um par de dois
De dois em um
Um parto duplo a brilhar

No meio da noite,
Em algum lugar,
Alguém vai meu nome trocar
Somos filhos únicos
Estrelas sem par
Capaz de ocupar
Um outro lugar
Sem mesmo sair de onde está

Isso não é fácil, nada fácil, meu irmão
Por isso brigamos, e brigamos com razão
Somos filhos únicos,
Que se vai fazer?
Vamos ensinar
Você a perceber
Quando eu não sou ele
E nem ele é eu
Vamos repetir, você compreendeu?

Chame meu nome, pelo sobre nome
Aí você pode acertar...

bom, assim você vai começar a me ver com outros olhos`. Nesse período, embora não reconheça, ele tinha o problema de ser duplo. Fazia, por exemplo, análise com dois terapeutas sem que um soubesse do outro, e usava dois termômetros, porque achava que um podia estar quebrado. Essa questão da identidade é muito presente para nós. A decisão de virar carioca do ponto de vista da afirmação da individualidade foi de fato muito importante, pois aqui ele se sentiu albergado e realmente se encontrou. Eu, por outro lado, desenvolvi uma relação apaixonada com São Paulo, sobre a qual fiz um livro. E tenho esse encantamento em relação ao Rio de quem chega de fora e vê as coisas com olhos de turista. Há lugares visualmente privilegiados pelos quais as pessoas daqui passam batidas, não focam, como todo o conjunto do centro histórico, a construção da Avenida Rio Branco, o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional".

Prova de que o gigante do traço podia andar meio perdido no espaço é que, em certa madrugada de 1978, foi apresentado à futura mulher, com um exemplar de O homem à procura de si mesmo (Rollo May), em um bar do Baixo Leblon. Nesse dia, Chico começou a namorar a carioquíssima Eliana Gomes de Oliveira, nascida em Madureira e criada no Irajá. Professora de Literatura e funcionária da Secretaria Estadual de Cultura, Eliana Caruso teve passagens marcantes na gestão do Museu do Telefone, transformado em centro cultural, e da Casa Laura Alvim, em que instalou cinemas e reeditou o Salão Carioca de Humor com uma exposição em homenagem a...Chico Caruso. "Pensei: vou retomar a realização do evento justamente em torno de meu próprio marido. Mas tinha que ser ele, que estava em muita evidência com as comemorações de seus 20 anos no Globo e teve, inclusive, um livro lançado sobre seu trabalho nesse período". Como se a homenagem pedisse um mínimo de justificativa...

Há um ano, Eliana assumiu a direção da Rádio Roquette Pinto, no lugar do falecido Artur da Távola, e está movimentando a grade da emissora. "Comecei a introduzir jornalismo, mantivemos alguns programas, criamos outros e voltamos com os de auditório, inaugurado com entrevista de Fernanda Montenegro, seguida por Chico Anysio, Miele, João Bosco, entre outros". O ator, humorista, diretor e autor Fernando Caruso, filho do casal, é o único da prole dos gêmeos, cinco de Paulo e dois de Chico, em que pulsa a veia artística da família. Há seis anos, ele — ao lado de Marcelo Adnet, Gregório Duvivier e Rafael Queiroga — está em cartaz com o espetáculo de improvisação Z.É. Zenas Emprovisadas, fenômeno de público que conquistou o Prêmio Shell de Teatro de 2004.

Chico e Paulo com Paulo pai e a mãe, Marina

Realidade caricatural

A paixão pela música sempre acompanhou a ocupação principal dos dois craques do grafismo. "O pessoal do Pasquim foi júri do primeiro Salão de Humor de Piracicaba (SP), em 1974, do qual começamos a participar. Dez anos mais tarde, os cartunistas que também eram músicos resolveram fazer uma apresentação no evento. Batizei o conjunto de Muda Brasil Tancredo Jazz Band, pois na época o lema no Colégio Eleitoral era Tancredo Já. Minha ideia era desenvolver algo mais ou menos como existia na Inglaterra com o Monty Python, ou seja, um grupo de criação coletiva em que todo mundo colaborasse para a montagem de espetáculos cênicos. Mas eles não se envolveram. Eu ficava compondo, arranjando, alugando roupas,

"Embora não reconheça, Chico tinha o problema de ser duplo. Fazia, por exemplo, análise com dois terapeutas sem que um soubesse do outro, e usava dois termômetros, porque achava que um podia estar quebrado. Essa questão da identidade é muito presente para nós", diz Paulo.

Gravura original da lavra do avô Paco e que ganhou reprodução do neto Chico

marcando shows e os caras não faziam nada. Em 1985, então, Chico e eu iniciamos a realização dos shows de sátiras políticas", conta Paulo.

Agora, o tradicional formato cresceu, e a dupla anda em ritmo de superprodução com o Cabaré Caruso. O amigo Ricardo Cravo Albin elaborou um caprichado roteiro para o Chico e recebeu o título de (Casablanca e Senzala): "Eu adoro Chico e fiz pros Caruso um script caprichado. mas ele mudou tudo. E o pior: o roteiro ficou muito melhor. Prova de sua genialidade, de que me orgulho tanto", derrama-se o presidente do ICCA. O projeto mistura música, circo, pintura, mímica, dança e, claro, muito humor. "É uma coisa mais aberta do que a gente fazia normalmente — prossegue Paulo. O espetáculo tem esse viés, mas não é puramente sátira política. Apresenta a variedade do cabaré, da crítica de costume e comportamento. Até porque ninguém aguenta mais. Nesse momento que estamos vivendo, com a decadência do Congresso, as pessoas perderam o interesse pela política, o que é muito ruim. Devemos restaurar a importância do sentimento de protesto como representação e botar esses caras para fora. A caricatura está sendo ultrapassada pela realidade, que está cada vez mais caricatural. Isso, para nós, também significará uma revolução, porque precisaremos encontrar outra linguagem para ser mais cáusticos. O choque que se causa nas pessoas pode levá-las a se mobilizar. Nessa linha, vamos ter que partir para o escracho total, a agressividade gráfica. Porque a figurinha acaba sendo um meio que até promove os políticos, que se sentem prestigiados em sua projeção junto à opinião pública, para a qual estão se lixando. Parece que, por mais que se faça, não há ressonância, nada mudará a situação deles. Acho que necessitaremos de uma revolução cultural e cívica para derrubá-los e fazer com que o eleitor se conscientize da importância de renovar os quadros. Para chegar ao indivíduo, vamos ter que fazer uma higiene mental, um exercício de linguagem capaz de tocá-lo, como aconteceu na época das campanhas das Diretas Já, quando o país todo se articulou. Agora, temos o príncipe D. Joãozinho de Orleans e Bragança criticando o novo feudalismo".

Redescobrimento do Brasil

(Paulo e Chico Caruso)

Quando a nau de Cabral descobriu o
Brasil
Não podia sonhar encontrar o que viu
Marajás em São Paulo, traficantes no
Rio
E o pessoal em Brasília torra notas mil
Pobre Brasil
Pobre Cabral
O que descobriu foi acidental
Com quem pode, pode
Vai limpando a área
Organiza o lobby contra a reforma
agrária
Não se pode brincar com o poder
militar
E é preciso cuidado com o banqueiro
do lado
Pobre Brasil
Pobre Cabral
Vai ser difícil virar Portugal
Pela Constituição somos todos iguais
Só que alguns são demais
Outros, pobres mortais
É preciso vender a Floresta Amazônica
E fazer um escambo com a Telefônica
Pobre Brasil
Pobre Cabral
No ano 3000
Estará tudo igual

Redescobrimento do Brasil

Em plena era digital, o traço dos dois continua a brotar da velha e boa prancheta. Mas Paulo reconhece o caminho sem volta da revolução eletrônica. “Hoje em dia a linguagem é essa e, se não houver domínio sobre ela, o trabalho vai sofrer. Durante um tempo, cheguei a mandar desenho por fax para o JB. Como a impressão era em preto e branco, sumiam as imperfeições. Agora, qualquer risco, até pela porosidade do papel, aparece com uma dimensão muito maior. Sem tratamento digital para limpar os defeitos da imagem, o trabalho será prejudicado. O Chico, no jornal da TV Globo, conta com uma equipe de criação de animação. Ele passa o *storyboard* e os caras a desenvolvem em cima do sistema de 3 D. Depois, ele faz a locução. Mas, no fundo, é outro trabalho, não mais o desenho dele. O boneco não tem mais a identidade do traço, a caligrafia do

Chico. É o preço que estamos pagando".

Extrovertímidos dialéticos

Mas, afinal, será que no efervescente laboratório desses alquimistas, que passam a vida a transformar tangos e tragédias em sorrisos com as poções mágicas de suas cores, chega uma hora em que não acham a menor graça? "Só quando está tudo muito feio, mas é difícil ter um dia assim. Quando houve o sequestro do ônibus 174, fiquei vendo a transmissão na TV o dia inteiro na redação. Chegou foto da professora baleada e morta sendo carregada e do bandido vivo entrando num camburão. Nesse dia, não fiz a charge, mas um pequeno texto, dizendo, basicamente, que em 30 anos de profissão era a primeira vez que não conseguia juntar com humor os fatos do dia. Quis marcar que não dava para pensar num desenho, que, geralmente, é uma coisa que sugere graça. Então, expressei um luto", recorda Chico, que cedo descobriu que nem tudo são flores na profissão. "Em 1969, na época do Vestibular, quando estava chegando à casa de um amigo para estudar, a polícia me parou e pediu os documentos. Mostrei com orgulho minha primeira carteira de trabalho. Quando leram que eu era jornalista, fui preso. Fiquei uma semana incomunicável no Dops de São Paulo, ninguém sabia onde eu estava. Depois, ganhei inclusive o direito de fazer a prova em separado".

Chico é quem faz um paralelo entre os gêmeos. "Paulo é mais prolixo, eu sou mais sintético. Nossos desenhos de criança já mostravam isso: nos dele tinha muito índio, muito caubói, cenários, os meus eram mais minimalistas. O jornalista Tárik de Souza, uma vez falando sobre meu trabalho, resumiu com uma frase: 'A eloquente mudez de suas charges'. Somos tímidos extrovertidos — extrovertímidos", define com a gaiatice do garoto que, na aprendizagem musical, enchia o piano de terra trazida do futebol que jogava na rua. "Desenhar é uma brincadeira que virou profissão. Para nós é um prazer, não tem sacrifício. Então, a gente trabalha o tempo todo. E ainda nos pagam por isso", brinca Paulo. Tudo leva a crer que jornalistas, vez ou outra, possam desfrutar do mesmo sentimento de diversão no cumprimento de suas obrigações, caso tenham a sorte de entrevistar a dupla de sagitarianos. Se for numa manhã de céu azul na Cidade Maravilhosa, então, melhor ainda.

	Paulo	Chico
Time:	São Paulo e Fluminense	Vasco e Corinthians
Político:	Dom João de Orleans e Bragança	José Alencar
Humor:	Jaguar	Millôr
Quadro:	Guernica (Picasso)	Guernica
Livro:	O Barão nas Árvores (Ítalo Calvino)	Cem anos de solidão (Garcia Marques)
Músico:	Guinga	Dave Brubeck
Gênio:	Freud	Picasso
Psicanálise:	Encontro do homem consigo mesmo	Uma relação que corrige outras relações
Vaidade:	Gay Talese	Teu nome é mulher
Poder:	Querer	O contrário de ser
Comida:	Sashimi	Sushi
Rio:	A cidade do meu irmão	Um privilégio
Carioca:	Luiz Melodia	Chico (do bar Chico&Alaíde)
Brasil:	O passado condena, o presente está comprometido e só nos resta o futuro	Acampamento de homens sem ideias
Brasileiro:	Cândido Mendes	Tom Jobim

* http://monicasinelli.blogspot.com/

Costa azul do Rio

ensaio fotográfico de **MARCELO CARNAVAL**

Picanha até para vegetarianos

por **Vera de Souza**

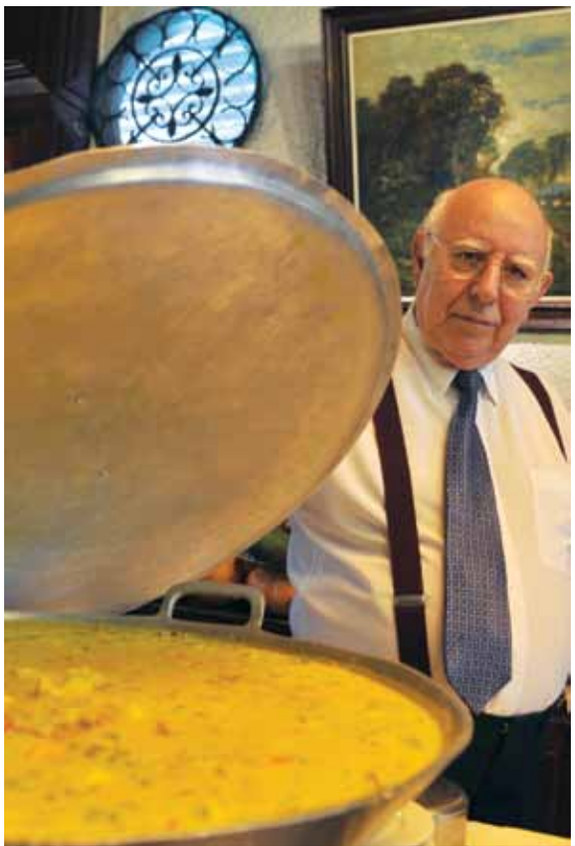
A boazuda, gostosa, suculenta, macia, ui-ui-ui, carne de picanha servida na churrascaria Majórica é um atentado ao pudor. São décadas e décadas de delito carnal flagrante no bairro do Flamengo, inclusive com a participação de crianças no final de semana. Quem não comeu aquele absurdo pedaço de pecado ainda é virgem em Rio de Janeiro.

T-Bone Steak

Oswaldo Aires de Souza há 30 anos na Majórica é responsável pelo preparo de carnes memoráveis

Próximo a completar 50 anos de existência, foi criada em 1962, a casa com nome espanhol, em homenagem a Mallorca – maior ilha do arquipélago de Baleares, na Espanha – é, de fato, uma ilha da melhor tradição de se preparar carnes. Aliás, é uma das poucas churrascarias que não aderiram ao sistema de rodízio, mantendo o serviço à la carte. Mas se a picanha chega a 80% das mesas da casa, há lugar também para o carneiro e o T-Bone Steak, uma carne pouco encontrada no restaurantes do Rio. Mas os sabores trazidos da Espanha, pelos sócios Ernesto Rodriguez Estevez e Maria Villalonga, herdeira de um dos fundadores, Francisco, podem ser apreciados na paella, no bacalhau e na torta de Santiago, feita com amêndoas e ovos. "Só não tem a tradicional cruz de Santiago decorando, como é feita na Galícia", explica Ernesto Rodriguez. Mas quem há de reclamar essa ausência, diante desse verdadeiro manjar dos deuses?

A história da Majórica começou em Nova Friburgo, em 1957, depois vieram as casas de Petrópolis e a do Rio de Janeiro, as únicas existentes atualmente. Nos anos 1950, onde hoje está a Majórica do Flamengo, havia uma churrascaria paulista que foi comprada por Leandro



Ernesto Rodriguez, sócio do restaurante

Francisco Bezerra e Ademar Dias

Villalonga, irmão de Franciso. Foi nessa mesma época que Ernesto Rodriguez Estevez chegou ao Brasil, vindo da Galícia e integrou-se ao grupo. No princípio, apenas o salão onde se encontra a churrasqueira, funcionava como restaurante. Os outros dois, eram depósitos. Estevez conta que àquela época o forte era o churrasco misto, os peixes e muito camarão. "Com a abertura dos outros dois salões climatizados passamos a ter 250 lugares e, aos poucos, a picanha se tornou nosso carro-chefe. Agora, o carneiro está se tornando a nova picanha, uma vez que a oferta dessa carne se tornou maior e com mais qualidade. Não é mais congelada, como no passado".

Uma das atrações da casa, sem dúvida, é a grande churrasqueira a carvão que ocupa parte do primeiro salão. Além do cheiro inebriante, há um balcão envidraçado sob ela, onde os comensais podem aguçar o paladar e escolher uma entre as tantas peças frescas de carnes ou, ainda, um bom haddock. A equipe de churrasqueiros é sempre reverenciada pelos *habituées*. Um dos mais antigos, Oswaldo Aires de Souza, no restaurante há 30 anos, é um dos responsáveis pelo preparo das saborosas linguiças que são vistas nos grandes espetos que circulam pelos salões, levadas pelos garçons. "São 400 kg de linguiça por semana, metade das quais consumidas só nos sábados e domingos", comenta Estevez.

A linguiça, aliás, é um capítulo à parte. "Há alguns anos, comprávamos da Sadia e era um sucesso, tanto que alguns clientes pediam para comprar algumas e levar para suas viagens. A concorrência

A mesa cativa dos embaixadores com Fernando Silva Alves, Carlos Eduardo Alves de Souza e João Carlos Fragoso

procurava produzir algo igual, até que a Perdigão conseguiu, e é nossa atual fornecedora".

Histórias curiosas não faltam. Na época do Plano Cruzado, quando houve desabastecimento de carne, os sócios da Majórica iam buscar o produto onde tivesse. A consequência é que todos os dias, antes de a casa abrir, já se formavam filas à porta. "Só tinha chuleta, mas as pessoas vinham", relembra Estevez.

O sucesso da casa se mantém há muitos anos e já teve entre seus assíduos frequentadores o falecido governador Carlos Lacerda, antigo morador do bairro; Chacrinha, que deixou raízes, pois seu filho Leleco Barbosa e seu neto estão lá pelo menos duas vezes na semana e muitos outros. A fidelidade dos clientes, especialmente moradores do bairro, é uma constante como contam os garçons Ademar Dias, 36 anos de casa; Francisco Antonio Bezerra, 32 e Mazaroppi, 31. "Há famílias que atendo há 35 anos. Preparei muitas mamadeiras para alguns que são adultos hoje", conta Dias.

Essa fidelidade acabou por formar, há alguns anos, uma mesa semanal de embaixadores aposentados com mais de 40 anos de carreira diplomática. Numa mesa-redonda e cativa, eles se encontram todas as segundas-feiras ao meio-dia para um verdadeiro convescote que dura quase toda a tarde. No dia que estivemos lá, eles foram chegando pouco a pouco. Eram Fernando Silva Alves, Carlos Eduardo Alves de Souza, João Carlos Fragoso, Luiz Antônio Gagliardi e Paulo Pires do Rio. A alegria do encontro é acompanhada pelos vinhos trazidos da adega de Fragoso. Brindam com um xerez francês e é Alves de Souza que conta como tudo começou. "Foi nos anos 1960, quando eu e o falecido Carlos Silvestre de Ouro Preto(Bubu), que era um *gourmet*, enquanto nós éramos só *goumands*, passamos a nos reunir e aumentar o grupo. Íamos ao Mosteiro, até que um dia erraram um molho e nos mudamos para cá. Hoje somos 12, nunca 13", diverte-se.

Aliás, diversão é a tônica da confraria, onde a dieta seguida por todos regularmente, é posta de lado nos almoços de segunda. Fernando Alves diz que se reúnem para falar sobre todos os assuntos, afinal hoje se dão ao luxo de poder flanar pela vida. Além dos temas políticos que são abordados com uma boa dose de humor, o futebol não poderia ficar de fora. Numa mesa composta por flamenguistas e tricolores, que haviam perdido naquele fim de semana. Só um torcedor do internacional vibrava. Era Fernando Alves, mas Fragoso adverte o amigo que se for falar mal dos times cariocas eles irão revidar falando das mazelas do Rio Grande do Sul. Diante disso, a prosa segue outro rumo e uma garrafa de Chassagne Montrachet, da Bourgogne, é aberta para gáudio dos comensais.

Assim é a Majórica, uma casa de qualidade que consegue reunir tradição e o melhor espírito carioca.

abre as asas sobre nós

por Julia Santhiago

Não dá para competir, chegar ao Rio pelo Santos Dumont, é um privilégio indescritível com direito a voo panorâmico gratuito. Não é à toa que os comandantes costumam dizer na hora do pouso que "estamos descendo na cidade mais bela do mundo". E não seria demais imaginar que Tom Jobim, quando escreveu "Samba do Avião", estava sobrevoando o Santos Dumont.

As historinhas da sedução da ponte aérea Rio-São Paulo são mesmo saborosas. No início dos anos 1930, o transporte comercial no Rio de Janeiro empregava hidroaviões e seu atracadouro era a Ponta do Calabouço. A aviação, ainda incipiente, aproveitava o Campo de Manguinhos para pouso e decolagem, e as aeronaves militares usavam o Campo dos Afonsos e o do Galeão.

O Rio como grande cidade e na condição de capital do país, precisava urgentemente de um aeroporto que atendesse suas necessidades. Na época, duas áreas mereciam destaque, a do Calabouço e a de Manguinhos. A decisão recaiu sobre a primeira, que além da vista da Baía de Guanabara, tinha a seu favor a proximidade do

centro urbano, o que significaria economia com deslocamentos. A escolha repercutiu bem junto aos especialistas em aviação de todo o mundo.

As obras, então, tiveram início em 1934, em terreno cedido pela Prefeitura do Distrito Federal ao Ministério da Viação e Obras Públicas. O projeto exigiu a construção de uma muralha de contenção e o aterro de parte do mar. Durante as obras, os hidroaviões continuavam a operar normalmente. Em 1936, quando atingiu 700 metros, foi aberto a

aparelhos de maior porte e, finalmente, o primeiro aeroporto civil do país era inaugurado.

Em 1938, os irmãos Marcelo e Milton Roberto, que viriam a se tornar expoentes da moderna arquitetura brasileira, venceram o concurso para a construção do prédio do aeroporto. Os arquitetos, no ano anterior, já haviam tido um projeto laureado, o da construção do prédio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), aprovado. As obras, no entanto, em decorrência da guerra, logo foram interrompidas e só retomadas em 1944. O projeto dos irmãos Roberto para o Santos Dumont conseguiu aliar os aviões e a paisagem como espetáculo que ainda conta com os belos jardins de Burle Max.

Mais de 70 anos depois de sua inauguração, embora com forte polêmica sobre ampliação desmedida dos voos, o Santos Dumont mantém sua vocação de aeroporto central, voltado para operações de voos de curta distância. Segundo a Infraero, é o décimo aeroporto brasileiro em

tráfego de passageiros, tendo registrado no ano passado um movimento de 3,6 milhões de embarques e desembarques.

Ponte aérea

A história dos voos comerciais entre Rio e São Paulo nasceu em 1936, mas essa conexão só atingiu a maioridade com a chegada da Ponte Aérea, em 1959. A operação inovadora era o retrato daquela época, que passou à história como os anos dourados.

O Rio vivia seus últimos meses como capital federal, mas isso não ofuscava seu brilho como farol do país. Eram os anos JK, o presidente que sonhava saltar cinquenta anos em cinco, e a Bossa Nova emergia como um grande movimento musical. Não sem motivo, a cidade ocupava o imaginário de todos naquele final de década.

A história dos voos comerciais entre Rio e São Paulo nasceu em 1936, mas essa conexão só atingiu a maioridade com a chegada da Ponte Aérea, em 1959

BANCO REAL

São Paulo, a 380 quilômetros de distâcia via aérea, assumia sua vocação de megalópole. No final da década de 50 a indústria automobilística nacional dava seu primeiro grande salto ao lançar os primeiros fuscas *made in Brazil*, diretamente de São Bernardo do Campo.

Nesse cenário efervescente, as cidades irmãs que concentravam as atenções econômicas e culturais, se atraíam. Como resultado, foi criado em 6 de julho de 1959 uma verdadeira instituição: a Ponte Aérea.

O início da rota Rio-São Paulo começou com uma acirrada disputa. De um lado, o consórcio Real Aerovias que detinha 35% do mercado. De outro, a Varig, a Vasp e a Cruzeiro do Sul. Para fazer frente à Real, as três se juntaram de maneira informal e sem o conhecimento da direção das companhias. Os gerentes das empresas ajustaram suas grades de horário para se ajudar e atender mais passageiros. Claro que essa ação logo chegou ao conhecimento da direção que acolheu a ideia sem pestanejar. Os presidentes da Varig, Rubem Berta, da Cruzeiro do Sul, José Roberto Ribeiro Dantas, e da Vasp, o brigadeiro Oswaldo Pamplona, formalizaram um acordo em maio de 1959.

No dia 6 de julho, os aeroportos Santos Dumont e de Congonhas abriam as portas com a novidade, a Ponte Aérea, que oferecia saídas regulares a cada 30 minutos e com um balcão unificado para a compra de bilhetes. E os passageiros seguiam seu destino nos charmosos Electras, que faziam o percurso em 50 minutos e tinham capacidade para 89 passageiros.

Ao longo dessas cinco décadas a ligação entre Rio e São Paulo rendeu ótimas histórias e muito glamour. No início das operações era comum ver os astros da Vera Cruz e da Atlântida que davam ao saguão do aeroporto um ar meio Hollywood. A partir dos anos 1970, foi a vez dos grande nomes da televisão.

O ex-comandante Zoroastro Ferreira Lima Filho pilotava um Convair da Cruzeiro do Sul, no início dos anos 1960, e lembra que artistas, politicos, jogadores de futebol e os grandes empresários da época eram *habitueés* da ponte. "Posso citar como exemplo Baby Pignatari, Matarazzo, Tarcisio Meira, Roberto Carlos, Maysa, Elis Regina, Lolita Rodrigues, Cauby Peixoto, Peri Ribeiro, Tônia Carreiro, Chacrinha, Jô Soares, e Zé Vasconcelos, que por viajarem com grande frequência pela Cruzeiro do Sul eram amigos dos tripulantes", revela o comandante.

Lima Filho ainda destaca que as viagens eram muito mais confortáveis. "Os voos da ponte funcionavam como verdadeiros restaurantes voadores. Era uma disputa entre as empresas aéreas para saber quem servia melhor. Num trecho de cinquenta minutos a uma hora de voo, eram servidos canapés, prato quente, sobremesa, bebidas e café. Os passageiros se deliciavam escolhendo a melhor empresa para viajar".

A ex-comissária da Varig Graça Miranda relembra o tempo em que trabalhava a bordo do Electra L-188. Ela destaca que naquele tempo a vida era menos agitada e voar era, antes de tudo, um prazer. O modelo Electra se tornou símbolo de conforto e segurança. Graça conta que o avião era espaçoso e que nenhum acidente fatal foi registrado durante os anos que operou no Brasil. "Naquela época os voos eram bem mais tranquilos. O Electra voava mais baixo e a uma velocidade menor que os atuais jatos, o que permitia uma viagem panorâmica em caso de bom tempo. O comandante, sempre que autorizado, ia para São Paulo ou vinha para o Rio pela orla. As aproximações pelas praias eram um capítulo à parte, podia-se ver Angra dos Reis, as praias da Barra, Leblon, Ipanema. Era realmente um espetáculo muito bonito que culminava com o Cristo de braços abertos dando boas-vindas a quem chegava ao Rio de Janeiro". Como não pensar nos versos 'água brilhando, olha a pista chegando/e vamos nós /pousar...'

a beleza oculta de zezé macedo

por geraldo edson de andrade *

Por mais de quatro décadas, uma mulher franzina, meiga, sensível, longe dos padrões de beleza cinematográfica, mas atriz por vocação e comediante nata, através do rádio, cinema, televisão fez rir todo o Brasil. Conhecida como "Chaplin de Saia" ou "Dama da Chanchada", participou de mais de 100 filmes, muitos dos quais aquém do seu talento. Um recorde difícil de ser superado por qualquer outra atriz brasileira.

"Na estreia do meu primeiro filme, entrei no Cinema São Luis, no Catete, como coadjuvante e sai como estrela' – Assim a atriz fluminense , nascida no município de Silva Jardim, Estado do Rio de Janeiro, Maria José de Macedo, conhecida nacionalmente como Zezé Macedo, costumava relatar o início de sua carreira no cinema brasileiro.

O filme em questão, "O Petróleo é Nosso", dirigido pelo veterano Watson Macedo, em 1954, bateu recordes de bilheteria e colocou seu nome entre as grandes comediantes deste país. Sua presença em qualquer filme levava multidões aos cinemas a ponto de ela fazer dois ou três filmes ao mesmo tempo. Sempre vivendo a empregadinha espevitada que revirava maliciosamente os olhos em qualquer situação, ela também podia viver mulheres de classes socialmente distintas como em "De Vento em Popa" (1957), de Carlos Manga, onde era Mme. Frou-Frou, milionária e cantora de ópera; ou uma das mulheres que seduzem Paulo José no clássico de Joaquim Pedro de Andrade "Macunaíma" (1969). Uma cena, porém, com pouco mais de três minutos na tela mostrava toda a versatilidade de atriz. Em "Fogo e Paixão" (1988), de Márcio Kogan e Isay Weinfeld, interpretava uma grã-fina que em uma cena descia de uma *limousine* elegantemente vestida, casaco de pele e sacolas de grifes, passa por uma mendiga varrendo a rua, Tônia Carreiro, e a olha de cima a baixo numa total inversão de valores. Uma cena antológica.

Até em produções estrangeiras, como "O Santo Módico" (1964), de Robert Mazoyer (produzido por Marcel Camus, o mesmo de "Orfeu do Carnaval" e "Lana-Königin der Amazinen" (1964), produção franco-alemã, Zezé Macedo roubava as cenas em que aparecia.

Nenhuma outra atriz brasileira filmou tanto. Foram mais de 100 filmes, desde as inconsequentes, porém popularíssimas chanchadas às realizações do Cinema Novo, nos anos sessenta. Páreo para ela só Wilson Grey, que chegou a participar de mais de 200 filmes.

Não foi somente no cinema, que sua comicidade chamou a atenção do público. Tendo se iniciado como radioatriz, na década de 1950, época áurea do rádio, passou para o teatro de revista e participou do pioneirismo da televisão carioca, primeiro na Tupi e, depois, na Globo até seus últimos anos de vida. Ao lado de um genial Chico Anysio, um dos seus confessos admiradores, e que ela qualificava como gênio, brilhou como Biscoito, namorada do irresistível Tavares, e Dona Bela, com o seu bordão "você só pensa naquilo", na "Escolinha do Professor Raimundo", quando se atirava no chão e levantava as pernas para o alto. O riso tomava conta de todos.

Foi o cinema, contudo, que lhe deu o título de nossa maior comediante. Num país como o Brasil repleto de ótimas atrizes cômicas, como Dercy Gonçalves, Violeta Ferraz, Nancy Wanderley, Maria Vidal, Sonia Mamede, Ema D'Avila, Henriqueta Brieba, Consuelo Leandro, Rosa Sandrini, Alda Garrido, Renata Fronzi e Nádia Maria. Com a maioria das quais Zezé Macedo contracenou. Com uma diferença, filme em que participava era sinal de boa bilheteria. Os exibidores sabiam disto tanto quando os diretores e produtores. Há relatos de cinemas do interior que quando um filme não atraía público, mandavam buscar correndo alguma comédia com Zezé porque era bilheteria certa.

Modesta como os grandes astros, a atriz não se dava conta de sua popularidade nacional, o que constatou quando viajou como estrela de uma companhia de revistas para se apresentar na tradicional Festa do Círio, em Belém, Pará. "Fui recebida no aeroporto por uma ala de estudantes que levantavam os braços à minha passagem. Uma apoteose, uma cena que jamais esquecerei".

Por anos convivi com Zezé Macedo, através de ligações familiares com seu marido, Victor Zambito. Magrinha, baixinha, razão pela qual só usava saltos altos, voz suave e cheia de ternura,

Zezé Macedo e Vitor Zambito, seu marido

Há relatos de cinema do interior que quando um filme não atraía público, mandavam buscar correndo alguma comédia com Zezé porque era bilheteria certa

os olhos muito abertos. Generosa ao extremo e sensível, como se pode constatar lendo suas poesias, em quatro livros publicados.

Durante o nosso convívio entrevistei-a várias vezes pensando um dia escrever sua biografia, tanto que ela confiou-me várias fotos de suas atuações. Quando prestou depoimento ao Museu da Imagem e do Som, em 1975, fez questão de que eu fosse um dos entrevistadores. Muito das nossas conversas estão transcritas aqui.

Zezé Macedo faleceu no Rio de Janeiro em 1999, aos 83 anos de idade.

vocação definida desde a infância

Predestinada à carreira artística desde pequena, como ela mesma dizia que "aos 4 anos de idade eu já participava nos dramas sacros encenados na minha cidade natal, Silva Jardim" . Zezé Macedo sempre fazia questão de ressaltar o incentivo que teve por parte dos pais para se tornar artista, tanto que, quando vinham ao Rio, faziam questão de levá-la aos teatros. "Lembro-me, que, um dia, tão empolgada estava com a representação que enfiei a cabeça entre as grades da frisa onde estávamos, pois minha vontade era estar no palco com aquela gente que me fascinava. Sem poder voltar ao normal, já que não havia jeito de me livrar das grades, comecei a berrar de desespero. Berrei tanto que a peça, um drama, parou e todo mundo ficou me olhando, inclusive os atores. Até os espectadores ajudaram meus pais a me ver livre daquela situação embaraçosa.

Nascida em 1916, aos 15 anos casou-se pela primeira vez, mas uma tragédia viria se abater sobre ela, quando seu filho com menos de 1 ano caiu do colo da sogra. " Foram momentos terríveis. Quando meu filho ainda estava no hospital eu rezava, rezava, e procurava um ponto de apoio para as minhas preces. Então me lembrei do teatro que era a coisa que eu mais queria fazer na vida. Então, prometi a Deus que se meu filho vivesse nunca mais pensaria em ser atriz".

Com a morte do filho e o casamento desfeito, ela se transferiu para o Rio de Janeiro, em busca de seu sonho. Para sobreviver, trabalhou nas mais diversas profissões, desde secretária ("imagina, passei três anos batendo máquina num escritório da Rua Álvaro Alvim"), prática de laboratório farmacêutico da Prefeitura a dona de estúdio fotográfico. "Como eu não sabia mexer com máquinas, o fotógrafo contratado roubou tudo e acabou-se o estúdio. Durante todo o tempo continuava a acalentar a vontade de entrar para o meio artístico. Para mim, artistas eram pessoas encantadas, mágicas. Eu não queria ficar somente como espectadora; eu queria subir ao palco, fazer parte daquele mundo. Mas como, se não conhecia ninguém do meio capaz de me ajudar?"

Entre um trabalho e outro, foi morar num edifício onde um dos vizinhos era Alexandre de Souza, à época muito popular por ser o criador do quadro "Maroquinha e Maricota", sucesso da rádio no início dos anos 1950. "Um dia, estávamos comemorando o aniversário de um amigo português, dono do boteco da esquina, quando, muito exaltada, subi numa mesa e improvisei um discurso de parabéns. O Alexandre, que também estava no bar, viu e disse que eu levava jeito para trabalhar em rádio. Fez uma carta de apresentação para Rodolfo Mayer, diretor de rádio-teatro da Rádio Tamoio, pedindo uma chance para mim".

Um dos nomes mais prestigiados da cena brasileira, Rodolfo Mayer estava no auge da carreira, não só pelo seu trabalho no rádio e no cinema. O monólogo "As Mãos de Eurídice", de Pedro Bloch, levava multidões ao teatro. Diante de uma Zezé decepcionada, alegou falta de verba para contratá-la e ela voltou para casa com a carta na bolsa.

No filme francês "O Santo Módico", onde Zezé Macedo contracena com Breno Melo, o mesmo de Orfeu

Aconteceu que o pai da atriz, numa viagem intermunicipal, conheceu o diretor do "Grande Jornal Fluminense da Rádio Tamoio. Mostrou-lhe os poemas escritos pela filha e falou da sua vontade de ser artista. O resultado é que ele prometeu colocá-la na abertura do "Grande Jornal" lendo poemas. "A cada domingo eu teria de homenagear uma das quarenta cidades do Estado do Rio. Comecei por Santo Antonio de Pádua. O programa ainda estava no ar quando o radialista Paulo de Gramont gostou da minha atuação e telefonou para perguntar meu nome. Quase desmaiei quando ele me fez o convite para ser rádio-atriz da emissora, então uma das mais ouvidas do Rio. Isto aconteceu no dia 3 de outubro de 1950. Eu teria de substituir Zélia Guimarães, que ia para Londres trabalhar na BBC. Eventualmente, ele prometeu, substituiria também outras atrizes. Durante dois anos, apesar dos meus insistentes pedidos, somente era escalada para pequenas participações. Mesmo assim ficava feliz da vida".

Aos poucos , ela começou a contracenar com os grandes nomes da época de ouro do rádio brasileiro. Depois de Gramont, foi Dias Gomes quem assumiu o cargo como diretor de rádio-teatro. Até então, o futuro dramaturgo era ator e Zezé chegou a ser sua secretária. Mais tarde, ele foi substituído por Gambices Martins. "Foi Gambices que fez meu primeiro contrato como rádio-atriz, em 1953. Tudo porque uma das principais atrizes da novela que estava no ar,

Mildred dos Santos, precisou faltar. O papel era de uma ingênua dramática. Nem me pergunte o nome da novela, não me lembro mais".

a televisão por acaso

O corre-corre diário nas dependências da rádio não dava tempo a Zezé Macedo de conhecer, no andar de cima do mesmo prédio da Av. Venezuela, o estúdio da TV-Tupi, ainda nos seus primórdios.

A primeira emissora de televisão inaugurada no Brasil foi em São Paulo, 1950, por iniciativa de Assis Chateaubriand, presidente dos Diários Associados. No dia 18 de setembro daquele ano, a capital paulista via pela primeira vez as imagens da TV-Tupi. Um ano depois, seria a vez de o Rio de Janeiro conhecer a televisão com a estreia da Tupi. "Minha primeira chance na televisão também aconteceu de maneira inusitada num programa estrelado por Luiz Gonzaga. Como não encontraram uma atriz característica para contracenar em esquetes de ligação entre os números musicais, foram me buscar na Rádio Tamoio. Em 15 minutos decorei as falas, pois sempre tive memória fabulosa, e, para compor a personagem, uma solteirona nordestina, me lembrei de uma parenta e seu cacoete de levantar e abaixar a cabeça enquanto falava. É um método meu: quando componho uma personagem, fecho os olhos e imagino a figura mais caricata, a mais feia que poderia fazer. Foi o que fiz. Notei, porém, risadas dos câmeras enquanto estava no ar. Pensei o pior, que tinha feito tudo errado. Mal o programa terminou, corri para o camarim para chorar. Alguém, que não me lembro quem, chegou para me consolar e falou que os risos não eram de deboche, mas sim pela minha comicidade".

O sucesso levou Péricles do Amaral, diretor da emissora, a convidar Zezé para fazer uma ébria no programa humorístico "Mesa Quadrada", onde contracenaria com um dos principais nomes do humor radiofônico, Aluísio Silva Araújo. Ela agradou tanto que começou a ser escalada para quase todos os programas, inclusive os de maior audiência, como "Espetáculos Tonelux" e "Feira de Amostras". Como sempre, compondo mulheres caricatas cada vez mais feias porque faziam rir.

A televisão acabou por absorver o talento cômico da atriz e no rádio começou a ganhar papéis de destaque como na novela "Eu, a Mulher e os Filhos", com Ida Gomes e Alberto Perez nos principais papéis."Eu fazia a empregadinha que resolvia todas as questões da casa. Acho que foi ali que nasceu o tipo que depois iria me popularizar no cinema. O êxito da novela foi tão grande — ficando seis meses em cartaz - que até Oscarito me mandou um bilhete de parabéns".

Pouca gente sabe, mas Zezé Macedo foi uma das primeiras atrizes contratadas da Globo, em 1965, não só para programas humorísticos como para suas primeiras novelas como em "A Moreninha", tendo Marília Pêra como protagonista. Em 1986, encabeçaria o elenco de "Cambalacho".

Mas sua verdadeira meta era o teatro e, convidada por Walter Pinto, marcou presença na revista "Eu Quero é me Badalar"(1954), no Teatro Recreio, em plena Praça Tiradentes, local onde atuou também em diversas outras suntuosas produções ao lado de Virginia Lane, Mary Lincoln, Grande Otelo, Mesquitinha, Renata Fronzi, Manuel Vieira, Salomé Parisio, Paulo Celestino, Saluquia Retini, Silva Filho e outros.

Numa revista da Companhia Gomes Leal, "A Geripoca Vai Piar" (1961), Zezé conheceu o ator e cantor Victor Zambito, que viria a ser o seu segundo marido e com quem se casou numa cerimônia realizada no palco do Teatro Recreio.

O casamento durou 38 anos. "Gostaria demais de ter feito comédia no teatro. Tive convites nesse sentido, um deles de José Celso Martinez Corrêa, do Grupo Oficina, de São Paulo, para fazer "O Rei da Vela", de Oswaldo de Andrade, numa segunda montagem do texto no Rio. Cheguei até a ensaiar, porém o cinema me chamava cada vez mais. E pagava melhor, bem melhor. Mas gostaria de ter feito teatro sério. Porque, como atriz, sempre fui intuitiva. Não aprendi nada sobre teatro ou televisão. Não sei citar autores nem métodos. Não tenho técnica. Sou o que sou: uma atriz que faz da comicidade seu meio de vida".

O cinema pelo telefone

Zezé Macedo não conhecia o diretor Watson Macedo nem de nome porque não era ligada a cinema nem como espectadora por absoluta falta de tempo. Contudo, Macedo era realizador conhecido, com excelente currículo, responsável pelos maiores sucessos da Atlântida. No seu elenco figuravam Oscarito, Grande Otelo, Eliana, José Lewgoy, Mary Gonçalves, Ilka Soares, Anselmo Duarte, Fada Santoro, Ivon Cury, Cyl Farney, Adelaide Chiozzo, tão populares no país quanto os maiores astros do cinema americano." Ele estava dirigindo um novo filme, o segundo depois que havia deixado a Atlântida. Tinha me visto na televisão e queria que eu fosse ao estúdio da Brasil Vita Filmes, na Tijuca, pois tinha um papel para mim. Prometeu até pagar o táxi. Quando cheguei ao estúdio, ele me mandou colocar um avental, uma touca e pegar um espanador. Uma criadinha, enfim, para participar de cena com Mary Gonçalves, a mocinha, e John Herbert, o galã. Eles entrariam na sala, se beijariam e eu, que limpava uma estante cantarolando, uma pilha de long-plays numa das mãos, vendo aquele romantismo, suspiraria e deixaria os discos caírem das minhas mãos. Não sei o que me deu na hora, mas ao ver os dois se beijando, com a câmera em close, por pura intuição revirei os olhos e comecei a ficar vesga, como se estivesse em êxtase. Macedo gritou "corta", me cumprimentou, disse que a cena tinha ficado ótima e que não precisaria repetir. Na minha santa ignorância pensava que estava apenas ensaiando. E o avental e o espanador ficaram sendo meu uniforme em dezenas de filmes que participei".

"O Petróleo é Nosso" foi um grande sucesso de bilheteria na temporada de 1954. No dia da estreia, Zezé foi ovacionada na saída, muito mais do que os artistas principais, tudo porque sua pequena participação além de provocar o riso do espectador com ele estabeleceu empatia. Nascia uma nova estrela. Desde então não parou mais de filmar. Somente com Watson Macedo fez mais seis filmes, entre eles "Sinfonia Carioca" (1955), "Rio Fantasia" (1957), "A Grande Vedete" (1958) e "Virou Bagunça" (1960).

Por fim, trabalhou com alguns de nossos mais reconhecidos cineastas. Embora a crítica abominasse esses filmes, o público adorava. E Zezé sempre ressaltou o cuidado e o rigor com que Watson Macedo, Eurídes Ramos e Carlos Manga filmavam. Alguns filmes eram especiais para ela, como "De Vento em Popa"(1957), de Carlos Manga." Era uma fita que eu não queria fazer porque meu cachê seria de apenas quatro contos (quatro mil cruzeiros). Vendo minha relutância, Manga me chamou à parte para explicar que passara meses trabalhando no roteiro daquele que seria seu melhor filme. Relutei muito antes de assinar o contrato, preferia trabalhar de graça a ganhar aquela quantia. Ante a insistência de Manga, de quem gosto muito, acabei cedendo. E nunca me arrependi. "De Vento em Popa" foi meu melhor papel no cinema".

Considerado pela crítica como uma das boas

realizações da Atlântida, o filme foi um sucesso de bilheteria e conquistou diversos prêmios. E deu a Zezé a chance de viver um personagem diferente, o de uma viúva milionária apreciadora de ópera. No filme, ela contracenava com Oscarito, Sonia Mamede, Cyl Farney e Dóris Monteiro, que tentavam lhe arrancar dinheiro para montar um show de rock .Suas cenas com Oscarito são memoráveis.

Zezé foi também uma das poucas comediantes convocadas por vários diretores, alguns egressos do Cinema Novo, como Joaquim Pedro de Andrade ("Macunaíma"), Bruno Barreto ("Tati, a garota" e "O Rei do Rio"), Mário Carneiro ("Gordos e Magros"), Eliseu Visconti ("Os Monstros de Babaloo"), Ivan Cardoso ("O Escorpião Escarlate" e "As Sete Vampiras"), Paulo Sérgio Sarraceni ("Natal da Portela") entre outros." O que eu mais queria na vida era ser atriz. E acho que consegui".

Tanto conseguiu que hoje, dez anos depois da sua morte, o público ainda pode vê-la na televisão pelo Canal Brasil. Nas comédias despretensiosas dos anos 50, nas apimentadas pornochanchadas dos anos 70 ela, franzina, espevitada e trepidante ao mesmo tempo, revirando maliciosamente os olhos a suspirar por um pretendente encantado. Ela continua a cativar cada vez mais o público. Criou um tipo e dele viveu. A magia do cinema a eternizou.

Poema das Mãos

De minha mãe:
Aquelas mãos suaves e macias
Aquelas mãos tão frias,
Foram na minha vida, dois poemas...
Plantaram rosas, desenhando esquemas
E a minha fronte urgiram, só de luz
Quando traçaram o sinal da cruz.
De meu filho:
Aquelas mãos franzinas, miudinhas,
Aquelas mãos quentinhas,
Que apontavam estrelas ao sol-por,
Aquelas mãos que eu vi em cruz unidas,
Tão pálidas, tombadas e feridas
Foram dois marcos para a minha dor...
Do meu amor:
Aquelas mãos violentas, poderosas,
Aquelas mãos formosas,
Que me deram carícias de ninar,
Aquelas mãos que me traziam rosas,
E tocavam baladas fervorosas,
Aquelas mãos fizeram-me sonhar.
De meu pai:
Aquelas mãos morenas e tão brandas,
Quais duas velas pandas,
Colocadas no mar da minha vida,
Foram sempre uma âncora querida
Salvando-me de abismo de mil mortes.
(Abençoadas mãos brandas e fortes)...
Aquelas mãos que um dia como prendas
De luar, me trouxeram oferendas,
Aquelas mãos
Que a todo mundo mostram o caminho
De rosas e espinhos,
Aquelas mãos piedosas já no fim
Da minha caminhada dessa vida,
Eu hei de encontrar como guarida
Esperando por mim.

Do livro "Meu Breviário", Editora Cátedra | Rio de Janeiro, 1981.
Zezé Macedo publicou ainda mais três livros de poemas

* Escritor, professor, pesquisador, crítico de arte e biógrafo de Zezé Macedo.

Brasileiro, sinônimo carioca

Humberto Mota

Presidente do Conselho Superior da Associação Comercial do Rio de Janeiro e presidente da Dufry do Brasil Duty Free Shop Ltda.

Todo brasileiro é um carioca. Ser carioca é acreditar que Deus aqui nasceu, portanto, o Paraiso Bíblico se situava no entorno da Baía de Guanabara. É amar a vida e viver buscando a alegria, ao som de boa música, belas danças e comida bem temperada. É viver intensamente um grande amor, enquanto a paixão existir, segundo os ensinamentos do grande profeta da Carioquice, Vinicius de Moraes, símbolo legítimo das melhores virtudes de nossa gente.

Síntese da brasilidade, o carioca sabe que o trabalho é necessário, mas que só conseguimos construir bem e nos realizarmos na chamada vida profissional, se cumprirmos a nossa missão com paz interior, só possível aos que sabem encontrar o prazer no dia a dia de suas vidas.

Domingo de praia e futebol; pode também ser um dia de chuva, olhando as águas caírem ao som de um batuque de mesa de botequim, com muita caipirinha e cerveja.

É ter estilo, bom gosto, ser humilde e altivo, dependendo das circunstâncias. É dar uma boiada para não entrar numa briga e a metade de um boi para sair dela. Saber que o carnaval nosso é de 365 dias, vivido mais intensamente em qualquer semana de fevereiro ou março.

A religião, qualquer que seja ela, não dispensa a devoção a São Jorge, São Sebastião, São Judas Tadeu, Nossa Senhora da Penha ou da Glória.

Torcer pelo Flamengo, mesmo que no estímulo a uma saudável competição que torna a vida mais emocionante, desfraldar também uma bandeira tricolor ou alvinegra; frequentar São Januário, Campos Sales, Moça Bonita ou a Rua Bariri, esta apenas para os maiores de setenta.

Descobrir, no detalhe, a beleza do todo, e entender o enigma da existência no verso de Drummond:"Mundo, Mundo, Vasto Mundo, se eu me chamasse Raimundo, seria uma rima, e não uma solução".

Frequentar, às sextas, as mesas de sardinhas fritas do Largo de Santa Rita; beber chope no Bar Luiz, almoçar aos sábados na Cadeg de Benfica, começar a noite da Zona Sul no Bar Lagoa, comer as peixadas de domingo em Barra de Guaratiba.

Caminhar pelos calçadões das praias, no Aterro do Flamengo, nas alamedas do Jardim Botânico ou da Quinta da Boa Vista. Pescar no entorno da Ilha do Governador, na Avenida Niemeyer, nos canais da Barra, mergulhar nas Cagarras. Atravessar a Ponte para se ter a melhor e mais bonita vista do mundo, conhecer os encantos da Floresta da Tijuca, andar pelas trilhas do Alto da Boa Vista, ter namorado no Mirante da Vista Chinesa.

Ter brincado nos blocos de Clóvis, nas ruas de Santa Cruz, participar dos ensaios de samba-enredo da Portela, Estácio, ou Salgueiro e subido nos pés de mangueiras dos sítios de Campo Grande.

Visitar o Sítio de Burle Marx e desfrutar do banquete da Casa-Restaurante do César. Jantar no Antiquarius, sentir o sabor da sopa Leão Veloso do Rio Minho, saborear a lagosta do Senta Aí.

Andar pelo nosso Centro barroco, ouvir o Canto Gregoriano dos monges de São Bento, desfrutar dos Museus e Centros Culturais, se emocionar com os concertos do Teatro Municipal e da Sala Cecília Meirelles, meditar no Alto do Pão de Açucar. Ao menos uma vez, ter apostado nas corridas do Jockey e vibrado com as regatas da Lagoa Rodrigo de Freitas.

É ter consciência e respeito pelo privilégio de viver na cidade que o mundo, finalmente, reconheceu como a cidade mais feliz do mundo, após proclamar o Cristo Redentor uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno.

Música e comunicação corporativa podem ser uma coisa só.

Tudo depende de quem toca o instrumento.

Insight 25 Anos

Rio de Janeiro • Rua Sete de Setembro, 71 - 14º andar • Centro • Rio de Janeiro, RJ • CEP 20050-005 • Tel: (21) 2509-5399
São Paulo • Rua Rocha, 167 - Conjunto 104 • Bela Vista • São Paulo, SP • CEP 01330-000 • (11) 3284-6147 e 3253-4916
www.insightnet.com.br

PRESENÇA É SER O BANCO QUE ESTÁ NA VIDA DE TODOS OS BRASILEIROS E TAMBÉM NO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS.

O Brasil hoje é presença no mundo. E presença no Brasil é Bradesco.

Presença é atender mais de **40 milhões de clientes** em todo o país. É ser o **maior financiador privado*** da agropecuária brasileira. É fazer parte do dia a dia de mais de **1.200.000** empresas de todos os portes e segmentos. É apoiar o desenvolvimento econômico e social que faz o Brasil hoje ser presença no mundo.

NEOGAMA/BBH

presença

bradesco.com.br

*Fonte: Febraban, maio/2009

Bradesco

TIM
Você, sem fronteiras.
FALE DE GRAÇA APÓS O 1º MINUTO DE CADA LIGAÇÃO.
Planos Infinity.
Com os planos Infinity Pré e Pós da TIM, você fala de graça após o 1º minuto de cada ligação, em DDD e ligações locais para qualquer TIM (móvel ou fixo). Aproveite também para pagar apenas o 1º minuto nas ligações recebidas em viagem.
Planos Infinity. É a TIM inovando para você poder falar sem fronteiras.
www.tim.com.br
NEOGAMA/BBH
Blue Man Group
Benefício Infinity Pré limitado ao uso de até 10 mil minutos/mês para chamadas TIM-TIM locais e nacionais de longa distância (originadas pelo código 41) e para chamadas recebidas em viagem pelo Brasil. Promocionalmente, por prazo indeterminado, não haverá limitação da quantidade de chamadas com o benefício de tarifação apenas do 1º minuto, podendo esse benefício ser revisto conforme critério da TIM. O cliente precisa ter créditos válidos e ativos para usufruir desse benefício. Benefício Infinity Pós é válido para chamadas locais TIM-TIM, limitado ao uso de até 10 mil minutos/mês, para chamadas nacionais de longa distância para números TIM (originadas pelo código 41) e para chamadas recebidas em viagem pelo Brasil, limitado ao uso de até 2 mil minutos/mês. Benefícios Infinity Pré e Pós válidos até 31/1/2010 (não cumulativos). Após atingir os limites descritos acima, as chamadas serão tarifadas normalmente conforme sua duração total. O pacote TIM Torpedo, incluído nos planos Infinity Pós, é uma oferta promocional válida até 31/1/2010. Para mais informações, consulte o regulamento nas lojas TIM ou acesse www.tim.com.br.